A CENA MUDA

Nº 5 — 1955
1ª quinzena de março
Cr$ 5,00 em todo o Brasil



ELA PODERÁ VIR A SER A NOVA MRS. BING CROSBY, RECONSTRUINDO A FELICIDADE PERDIDA.



Mona Freeman muito breve voltará a ser a mesma deliciosa «ingênua» das comédias.

O futuro de MONA FREEMAN

ATÉ bem pouco tempo Mona Freeman era uma artista que levava uma vida sem problemas. Com ela, tudo aconteceu de repente. Desmoronou seu casamento e o estúdio relegou-a ao esquecimento. Mona passou largo tempo sem ver o seu nome nos noticiários. Sofreu muito com isso, por que amava seu marido (Pat Nerney) agora casado com Jane Powell. Restou-lhe a filhinha, o carinho dos «fãs» e meia duzia de amigos. Para ela, acostumada à fama, essa temporada foi bastante amarga, porém venceu e encontra-se na fase de recuperação.

Falam de seu próximo casamento com Bing Crosby e o fato é que os dois vivem juntos quase todo o tempo. Bing ao que parece, ama de fato Mona Freeman e deseja torná-la sua espôsa, esperando para isso que os filhos a aceitem. Quanto ao futuro da carreira de Mona, pouco se sabe. Muitos produtores gostariam de tê-la em seus filmes, porém existe alguma coisa que a impede no momento de aceitar contratos para filmar. Talvez seja o seu desejo de reconstruir o lar e recuperar em definitivo uma felicidade que lhe fugiu das mãos. Artista de valor, não será difícil para Mona recuperar o «tempo perdido» e voltar a ser a mesma «garôta» ingênua das comédias, retornando ao convívio de seus «fãs» que não se conformam com a sua ausência. (Foto Paramount)



BATE PAPO COM O LEITOR

Conforme prometemos, insbrimos nesta edição uma ampla reportagem com a escolha dos «Dez mais falados» de 54. Tôda equipe de A CENA colaborou para a referida seleção que se repetirá todos os anos, assim como esta revista já entregou a um júri composto de críticos de cinema, entre os mais conceituados, a escolha dos «Dez» e das «Dez» mais elegantes do cinema brasileiro. Muitas surprêsas surgirão no resultado final e podemos dizer a vocês que essa «enquête» está movimentando artistas, diretores e técnicos do nosso cinema, não só pelo ineditismo da iniciativa como pela oportunidade que dará para que todos conheçam os favoritos no campo da elegância entre astros e seus colegas de profissão ...



Em nossa edição anterior demos início à nova fase dos «Cine-Romances» e uma avalanche de cartas chegou à nossa redação apoiando mais essa iniciativa da melhor revista de cinema do Brasil. A CENA foi a pioneira dêsse gênero de literatura cinematográfica e pretende continuar trilhando o mesmo caminho de sucesso. Dando continuidade à fase nova dos «Cine-Romances» publicamos neste número o roteiro de «Sindicato de Ladrões» e já está programado o «Cine-Romance de outro grande filme de Hollywood, «A Nave da Revolta». Muitos outros «Cine-Romances» exclusivos estão sendo no momento traduzidos e adaptados para vocês.



Vocês pediram e procuramos atender na medida do possível. Podem reparar que estamos dando noticiário mais amplo sôbre as atividades do cinema brasileiro. Faz parte de nosso programa de ação êsse apoio ao cinema nacional cujos artistas sempre encontrarão em nossas páginas a melhor acolhida. E' possível que alguns astros famosos da cinematografia verde-amarela venham a fazer parte do grupo de colaboradores de A CENA, pois convites já foram feitos a muitos dêles e tudo agora depende de que encontrem tempo para escrever. Além disso A CENA publicará dentro de suas próximas edições, várias reportagens com artistas do cinema nacional, revelando muita coisa interessante para seus milhares de fãs, entre os quais estão vocês, naturalmente.



Antes de encerrar, queremos mais uma vez encarecer a necessidade de recebermos com regularidade sugestões de todos vocês através de cartas ou telefonemas. Escrevam dizendo o que pensam dessa fase quinzenal e multicolorida e enviem sugestões. Fiquem certos de que muitas seções novas foram criadas por sugestão de alguns leitores mais assíduos. Não deixem de escrever. E obrigado, mais uma vez, pelo apoio que estão nos dando!

REDATOR «X»

SUMÁRIO

REPORTAGENS EM TECNICOLOR

O futuro de Mona Freeman .... 2ª capa
Debra Paget persegue a fama. 23
O tempo não importa! (Ginger Rogers) 24/25
Ela sonhou em ser princesa (Gene Tierney) 26

REPORTAGENS COLORIDAS

Ela adora Copacabana! (Laura Hidalgo) 4/ 6
O fabuloso Roland (Gilbert Roland) 44/46

REPORTAGENS ESPECIAIS

O plágio no cinema 8/11
O drama do deserto 12/13
Os dez mais falados de 54 ...... 16/22
Entre a Igreja e o Cinema (Wendell Corey) 32/33

CINE-ROMANCE

Sindicato de Ladrões 28/31

SEÇÕES PERMANENTES

Cinema Nacional em Foco 7
Cine-Passatempo 35
Filmes em Revista 36/37
Ribalta 41

VARIEDADES

Jean Simmons 15
Donald O'Connor 27
Pequena Histório do Cinema .. 37

PROPRIEDADE DA :

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR :
GRATULIANO BRITO



A CENA mantém correspondentes em Hollywood, Londres, Paris, Roma e na América do Sul. Acordos especiais e exclusivos com a «Press Cinema» e «Mondi Press».

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: « REVISTA »

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional..	Cr$	4,00
Número atrasado.......	Cr$	5,00
Assinatura anual (26 números)........	Cr$	100,00
Assinatura semestral (13 números........	Cr$	50,00
Assinatûra anual sob registro........	Cr$	120,00
Assinatura semestral sob registro........	Cr$	60,00
Assinatura para o estrangeiro (anual).....	Cr$	180,00
Assinatura para o estrangeiro (semestral)..	Cr$	90,00

CAPA

Bella Darvi é uma beleza nova em Hollywood. Uma grande revelação da Fox e um nome que começa a ser admirado pelos fãs. A sua presença na capa desta edição é uma prova de que seu cartaz aumenta considerávelmente no Brasil, apesar de haver aparecido em poucos filmes. Prometemos uma reportagem sôbre tão encantadora «estrêla» para breve.



ELA

Texto:
GILMAR DIAS
Fotos:
NEWTON VIANA

A beleza de Laura Hidalgo tem merecido elogios da imprensa mundial. No Brasil seu cartaz é imenso! Ela considera-se a mais fervorosa admiradora de Copacabana em cuja praia tem passado os melhores momentos de sua vida. É realmente uma linda mulher!

Flores para Laura Hidalgo! Ela as recebe diàriamente de admiradores diversos que assim demonstram seu grande afeto pela extraordinàriamente bela estrêla argentina. Vocês já repararam que ela cortou o cabelo e ficou ainda mais «glamourosa»?

QUANDO levaram Laura Hidalgo pela primeira vez para contemplar Copacabana, a extraordinàriamente linda «estrêla» argentina exclamou entusiasmada:

— Como és preciosa!

Agora, nessa mesma Copacabana que ela adora, no apartamento de sua prima, que tem servido de refúgio para a artista nessas férias cariocas, ela repete para o repórter a mesma expressão e acrescenta com um sorriso encantador a brincar-lhe nos lindos olhos:

— Se eu pudesse ficaria aqui para sempre!

Espanto-me do seu bom português e Laura explica que tem aprendido bastante nessas férias e espera sair daqui com a sua pronúncia quase perfeita, pois pretende surpreender os amigos da Argentina com o seu novo sotaque.

Falamos de coisas diversas e acabamos ferindo o assunto mais sério: o divórcio da «estrêla». Lembramo-nos que foi a esta mesma revista que Laura fizera há um ano apenas declarações sôbre o casamento, dizendo-se feliz com o espôso, também ator, Narciso Ibãnez Menta. Agora é uma linda divorciada e tudo pretende do amor, principalmente conquistar uma vida inteiramente feliz.

Como somos exigentes em matéria de declarações, forçamos o ponto e a resposta veio logo, viva e inteligente:

— Não me peça detalhes, meu caro amigo... Diga aos seus leitores que tudo aconteceu por fôrça de circunstâncias...

E repete mais duas vêzes:

— Circunstâncias diversas levaram-me a pedir divórcio...

(Cont. na pág. 42)

ADORA COPACABANA!





Laura Hidalgo fotografa bem de qualquer ângulo. Seu sorriso é coisa permanente! Sua alegria é cincera!





CINEMA NACIONAL EM FOCO

Por
GILMAR DIAS

● Anuncia-se em São Paulo a produção de "A Carrocinha", história de Walter George Durst, produtor de programas de rádio e crítico de cinema. Dóris Monteiro foi convidada para o papel principal e a mesma produtora anuncia para breve uma série de filmes mais ou menos pretensiosos. Vamos aguardar para tirar conclusões.

● Ademar Gonzaga, veteraníssimo de nosso cinema, o pioneiro da Cinédia, foi o responsável pela produção e direção de "Carnaval em La Maior", com a maioria do elenco exclusivo das rádio e televisão Record. Parece que o filme agradou, pois Gonzaga já está tratando de seu novo filme, ainda sem título e artistas escolhidos.

● Julie Bardot vai posar para "A CENA". A louríssima está com muitos planos para o futuro e seu futuro deve ser risonho, desejamos todos nós...

● Adriano Reis está vivendo um romance (muito comentado) fora dos estúdios. Ela é de teatro, o que para muita gente será surprêsa, pois todo mundo acreditava naquela história, sim, aquela de que Adriano ficaria definitivamente noivo de Myrian Thereza...

● Por falar em Myrian Thereza, nossa colega, um besouro malvado deixou-a preocupada no jantar de despedida de Laura Hidalgo. O besouro era de verdade. Favor não confundir com nenhum cronista...

● José Lewgoy declarou que não citará ninguém na sua coluna do "Diário Carioca", isto é, ninguém que o "piche" noutra coluna. Mas que o Lewgoy é um pouquinho "narcisista", disso ninguém tem dúvida...

● Ninon Sevilla volta ao Brasil para mais um filme. A rapaziada (muito viva) do Clube da Imprensa Cinematográfica, já programou um passeio com a "estrêla" a uma das ilhas da Guanabara.

● Vanja Orico foi escolhida para uma homenagem do Clube da Imprensa Cinematográfica. Acontecerá em março. E Vanja merece!

● DIÁLOGO PARA NÃO SER ENTENDIDO...

Um — Escute aqui, é verdade que o Clube de Cinema anda distribuindo ternos?

Outro — Não sei... Só se fôr de morim.

● Laura Hidalgo, aquela que é muito linda, inteligente e simpática, despediu-se de seus amigos brasileiros, mas voltará. Voltará para fazer um filme no Rio de Janeiro. Que volte depressa!

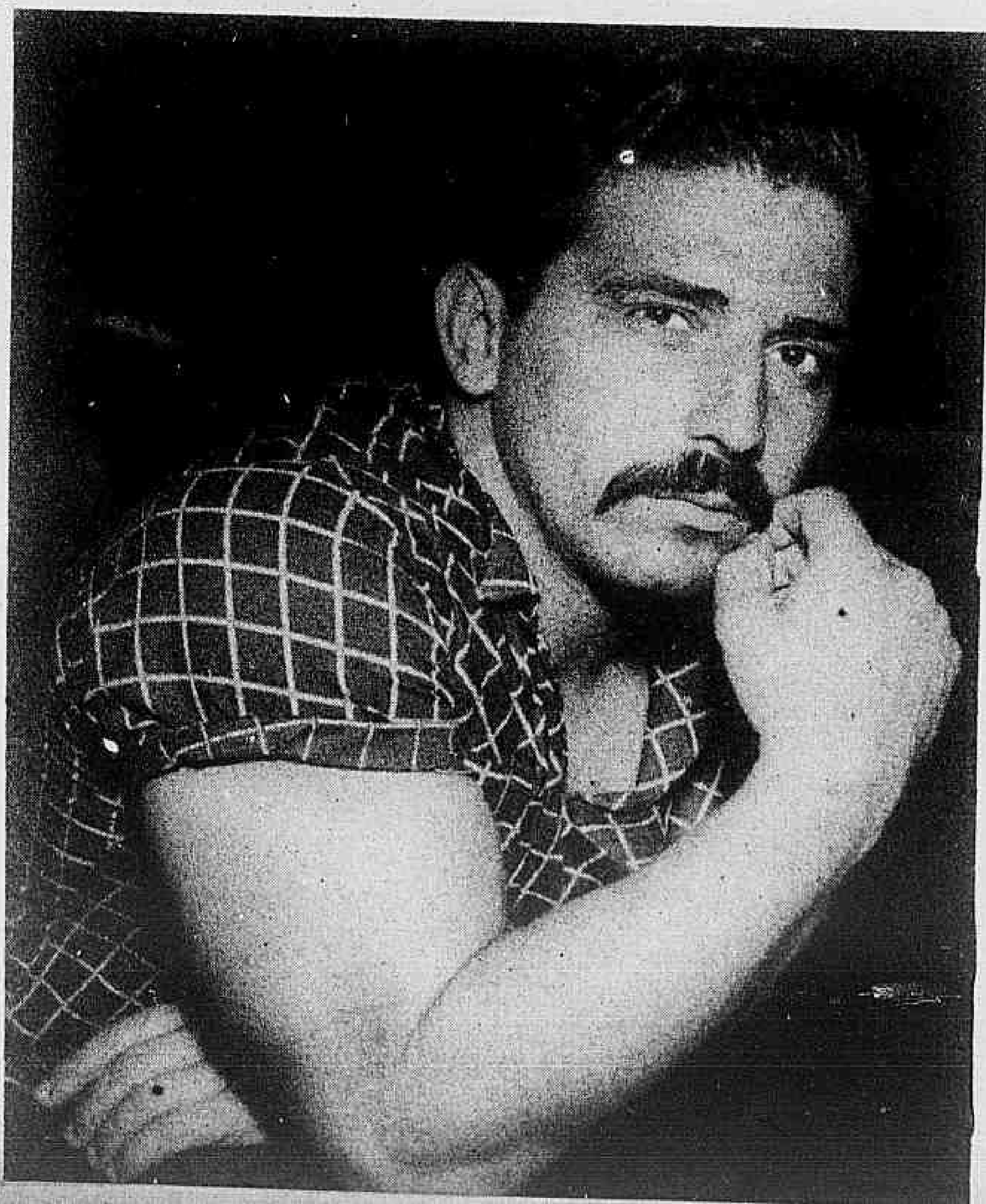
● Cyll Farney, que é um bom rapaz, não se incomoda com certas brincadeiras que com êle fazemos através de "A CENA". Cyll é um modêlo de cavalheirismo e seu exemplo deveria ser imitado. Não é, José?

● Apesar de estar ainda distante, para o Festival de Buenos Aires, o pessoal do cinema brasileiro está se preparando e já se sabe que a Delegação oficiosa sofreu cortes muito justos. E agora, José?

● Miro Cerni anda distante, distante, da imprensa que tanto o ajudou a subir no cinema brasileiro. Também pode ser falta de tempo... Miro, além de "galã" de cinema é engenheiro e está cuidando do futuro. Na primeira oportunidade vamos abordá-lo sôbre o assunto. Combinado, Miro?

● Dizem que Carlos Manga tem uma mania muito séria. Qual é? Colecionador de inimizades. Manga com a palavra para esclarecer o assunto!

VALDO CÉSAR: vem aí em «Rio, 40 Graus».



ARACY CARDOSO: está no elenco de «Seara Vermelha».



O PLÁGIO NO CINEMA

SALVIANO CAVALCÂNTI DE PAIVA

PARA «A CENA» EXCLUSIVO

Não sou doutor em leis e não posso, está claro, satisfazer inteiramente aos leitores e interessados. Sou, entretanto, um modesto estudioso da História do Cinema Mundial, e isso me dá o direito de dizer alguma coisa, de contribuir para o esclarecimento dêsses chamados casos de plágio cinematográfico, sobretudo porque nenhum interêsse tenho em *defender* ou *atacar* quem quer que seja, qualquer dos realizadores ou produtores de filmes acusados de furtar idéias alheias (ato que, se provado, só poderia merecer a minha mais veemente repulsa).

Quero dizer, de início, que condeno, igualmente, a atitude insólita da rapaziada bisonha e algo esquisita que faz campanha anti-nacional e constitui o grupo atrevido de acérrimos inimigos do cinema brasileiro. Eu prefiro, mesmo, acreditar numa gratuidade posta em dúvida por muitos que julgam que êsse bando anti-patriota é muito bem pago por companhias estrangeiras: seria o dinheiro das caixinhas secretas dos trustes internacionais? O fato é que essa rapaziada se assanhou e fêz alarde, recentemente, com o que teria sido um *plágio* de Alex Viany, alegando que "Agulha no Palheiro" fôra copiado da sinopse de "Último Enderêço", filme francês, de Jean Paul Le Chanois. Argumentação ridícula que o próprio Alex Viany e mais alguns comentaristas de filmes do Rio de Janeiro esmagaram numa série de bem fundamentados artigos publicados na imprensa carioca diária. Os acusadores de Alex Viany, sabendo que êle não vira o filme francês — pois, nem êste chegou ao Brasil senão dois anos depois de "Agulha", nem o sr. Viany estêve fora do Brasil durante êsse tempo — criaram a fabulosa lenda do plágio por sinopse, argumentando que o sr. Viany lê vários idiomas (honra lhe seja!) e aventando a hipótese que *poderia* ter lido a história de "Último Enderêço", provàvelmente publicada em várias revistas européias...

Essa mesma ridícula rapaziada tocou clarins quando um juiz apressado forçou a retirada do cartaz de vários cinemas, do filme de Watson Macedo "Carnaval em Marte" — sem constatar, antes, a razão ou as razões do acusador, e prejudicando simultâneamente produtor e autores, distribuidor e exibidores; mais tarde, constatada simples coincidência (ou má fé do acusador), limitaram-se os agentes do cinema estrangeiro a *meter a viola no saco*, de crista caída e olhar oblíquo...

Ameaça semelhante pesou sôbre "Guerra ao Samba", de Cajado Filho e Carlos Manga que seria — ainda segundo os afobados meninos do Clube das Novas Vitórias Régias da crítica... — carbono de um *sckecht* radiofônico ou teatral. A ameaça não se concretizou e os Vigilantes caíram no ridículo. Aliás, como a tática é cretina, a tendência dessa Ku-Klux-Klan do jornalismo cinematográfico é se desmoralizar por completo. Embora não queiram, estão os seus componentes no mesmo caminho dos cineasnos que infestam o cinema brasileiro: são farinha do

O autor do presente artigo, escrito especialmente para «A CENA», é figura destacada entre os cronistas de cinema do Brasil, sendo traduzido em cinco idiomas. Estudioso da Sétima Arte, Salvyano Cavalcânti de Paiva contribuiu para a cine-literatura com um livro expressivo: «O Gangster no Cinema» e prepara «Cinema de Combate», que reúne seus melhores trabalhos e que será editado breve. Além dêsses, Salvyano Cavalcânti de Piva está compilando o material a ser usado na «Pequena História do Filmusical» e na sua tão anunciada «Pequena História do Cinema», outras duas obras dignas do conceituado crítico brasileiro.



mesmo saco, irmãos siameses dos fabricantes de *abacaxis*, dos produtores desonestos, dos *picaretas* mais notórios do cinema nacional. Êstes, que cada vez ganham mais e por isso se recusam a pagar bem e solicitar argumentos originais de intelectuais decentes e de gente que entende de cinema, se animam com o produto da própria burrice e se arriscam, perigosamente, às coincidências e aos plágios voluntários e involuntários; e os Vigilantes são do *ribombo*, promovem campanhas maledicentes com o fito de angariar notoriedade e receberem graças dos representantes de firmas estrangeiras no Brasil. São dois bandos que se confundem na nojeira e no péssimo odor que exalam, ambos igualmente dignos do mais profundo desprêzo!

Quanto à História do Cinema, pròpriamente, a despeito de registrar exceções, nomes ilustres, personalidades que ganharam fama honestamente e contribuíram para o desenvolvimento da Sétima Arte, oferecendo idéias novas, temas e assuntos que impulsionaram o progresso da estética cinematográfica, que deram fisionomia e relêvo ao meio de expressão, que formaram a base para a luta pela cultura e pelo porvir — através do que, sem isso, não passaria de *curiosidade-de-feira* — a despeito de todos êsses, repito, a história dos sessenta anos de cinematógrafo é uma história cruel e lamentável de lutas sem heroísmo, de combates desiguais, de estratagemas, de golpes, de competição desenfreada por mercado, de batalhas caracterìsticamente ilegais, de *vale-tudo*, no fundo um sujo negócio de bandidos, de traficantes, de mercadores de ilusões, de infratores.

A especulação com o direito autoral permanece até hoje. Nenhum congresso de cineastas e de juristas especializados ainda o resolveu. Quanto ao plágio, é mais velho do que o próprio cinema. Desce à Pré-História, às manifestações milenares de arte e aos autores consagrados, inclusive os ditos gênios como Shakespeare, que se aproveitou de idéias muito difundidas na Inglaterra de sua época para criar estas duas maravilhas clássicas: "Romeu e Julieta" e "Hamlet".



Uma cena de «Agulha no Palheiro», o tão discutido filme de Alex Viany, acusado de plagiar «Último Endereço», filme francês e «Táxi», filme americano, êste ainda inédito no Brasil. Um grupo de inimigos de Alex Viany moveu campanha tenaz acusando-o de plagiário, porém o Diretor de «Rua Sem Sol», ao que se sabe, responderá muito breve com alentado artigo que afinal esclarecerá a sua posição e talvez ponha um fim a êsse caso que está se prolongando há dois anos e meio. (Na cena de «Agulha no Palheiro» os intérpretes: Sarah Nobre, Doris Monteiro e César Cruz)

O cinema, desde os seus primórdios, sofreu o *mal do plágio*. Ignora-se, até hoje, o inventor do *primeiro* aparelho — tantos primeiros apareceram depois... Além disso, a arte copia a vida e já dizia o Eclesiastes: *nada de novo existe sob o sol*. Pois o próprio fenômeno do espetáculo cinematográfico (1895, digamos...) é plágio dos espetáculos de *lanterna mágica* que já existiam antes de 1719 e que plagiava os espetáculos das *sombras chinesas* importadas do Extremo Oriente na Europa da Idade Média, espetáculos êsses que copiavam outros que se perdem na memória dos povos...

Louis Lumière, mesmo, um dos pioneiros do cinema, foi acusado de plagiar ou de "se inspirar" em filmes de Thomas Alva Edison, outro pioneiro. Lumière desmentiu a acusação declarando que isso era inexato e que o seu único desejo era "reproduzir a vida". Se algum tema ou argumento seu se assemelhava aos de Edison, não passava de casualidade. O mais curioso é que Edison, com um truque comercial, se apoderou da patente e explorou, antes de qualquer outro, o *VitaScope* que fôra — está mais do que provado — inventado por Lumière...

Todos os que conhecem a História do Cinema sabem da violenta luta de patentes estabelecida entre 1908 e 1915, entre a Europa e a América, à que não era estranha, antes paralela, outra luta: a dos roubos de argumentos, com a copiagem, o plágio, a imitação franca e aberta! Como já disse antes, nada disso é estranho, pois o plágio começou com a própria invenção do espetáculo cinematográfico.

Prômio, o inventor do *travelling*, foi plagiado por Pastrone e Griffith e copiou Lumière. Os criadores se imitaram uns aos outros. "Dickson copiou os filmes do zootropo, e Lumière, em seus começos, se inspirou diretamente em Dickson", afirma o historiador Georges Sadoul. Vários copiaram Lumière, até mesmo Meliés — que depois foi plagiado por milhares. "Diz-se que essa regra de plágio — ou esta *lei de seriados*, se cabe aqui a indulgência — nunca cessou de dominar o cinema." Todos os grandes sucessos do cinema foram copiados: *A luta Corbett-Fitzsimmons* (1897) foi plagiada dezenas de vêzes, deu *galho* na Justiça, processos, o diabo! E criou a moda dos filmes de box, todos com encadeamento parecidos. *A Paixão* de Léar, trouxe a moda dos filmes sôbre Cristo, com as versões sucessivas de Pathé — e mais tarde versões alemãs, americanas, italianas, etc. *O Assassinato do Duque de Guise* desenvolveu o gôsto (e muitas vêzes o mau gôsto...) de copiar a História da Civilização, com as devidas liberdades e com as fraudes costumeiras. Desde que foi aberta a longa trilha dos *westerns*, quantas vêzes já vimos a mesma história na tela: cinquenta, duzentas, quinhentas? *O Roubo do Grande Trem* foi imediatamente seguido pelo

O PLÁGIO NO CINEMA

O CINEMA, DESDE SEUS PRIMÓRDIOS, SOFREU O MAL DO PLÁGIO ★ IGNORA-SE ATÉ HOJE O INVENTOR DO PRIMEIRO APARELHO ★ TANTOS PRIMEIROS APARECERAM DEPOIS...

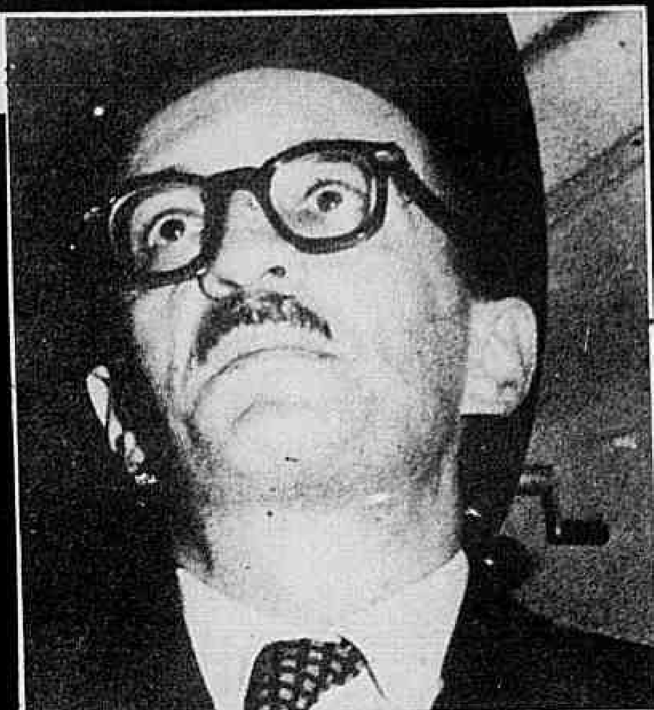
Cena do filme de Watson Macêdo «Carnaval em Marte» que foi acusado de plagiar uma peça teatral do autor brasileiro Van Gal. Anselmo Duarte e Ilka Soares formam a dupla romântica da história que agora está em Juizo para que seja julgada a sua semelhança com a outra história que também narra a viagem (imaginária) de um indivíduo ao planeta Marte. Nos meios cinematográficos brasileiros, lamenta-se que tal tenha sucedido a Watson Macêdo, pela lisura de seus espetáculos anteriores, e mesmo porque muita gente, entre colegas, subordinados e «fãs», acredita no talento criador do Diretor de «O Petróleo é Nosso». Watson Macêdo está confiante do que possa provar na Justiça que não teve intenção de plágio e que realmente imaginou a história de seu filme, aliás um dos maiores sucessos de bilheteria dos últimos tempos, entre películas brasileiras.





FIZERAM PLÁGIOS?

Watson Macêdo (Carnaval em Marte) e Alex Vianny (Agulha no Palheiro) são acusados de plagiários, porém nenhum dos dois até agora pode ser realmente julgado como tal, isso porque faltam provas, principalmente no caso de Alex Vianny, que acusado por um grupo suspeito, está acima de tais mesquinharias e nada teme, tendo mesmo o propósito de desmascarar a trama brevemente. Watson Macêdo, por sua vez, prepara a defesa diante da séria acusação que lhe foi feita. Ambos gozam da simpatia dos «fãs» do cinema brasileiro que, na sua maioria, não acredita que êles possam ser plagiários. Bôa parte da crítica especializada também não crê nessa possibilidade e está solidária com Alex e Watson, aguardando o pronunciamento final da Justiça no caso de «Carnaval em Marte» e que o tempo esclareça a inocência de Alex Vianny, que de resto não cometeu nenhum plágio consciente.



Roubo do Grande Banco, pelo *Roubo do Trenzinho* e logo pelos inúmeros filmes criminais que desembocaram na larga estrada dos filmes de "gangster". Antes de *Frankenstein* tivemos o monstro de *Nosferatu, o Vampiro*, de *Drácula*, do *Dr. Fu Manchu*. E depois: quantas dezenas de filmes de horror, de monstros, de lobisomens, até às formigas atômicas?!

Com o tempo a contrafação dominou todos os gêneros, do melodrama à comédia e ao desenho-animado e "foi-se tornando cada vez menos imediata e menos grosseira — mas o princípio comercial permanece o mesmo". Êsse princípio se baseia numa conseqüência ideológica, numa contradição irremovível dentro do sistema em que vivemos. Baseia-se no raciocínio primário dos apropriadores do cinema: tudo em benefício do *agrado popular* (que se traduz em renda alta proporcional à cultura escassa) e é, e será, sempre, em determinada etapa histórica e em determinada esfera político-geográfica, condicionada à imposição sócio-econômica, uma contradição lamentável do cinema: veículo de cultura submetido à mesquinha luta do *fator industrial* contra o *fator artístico*.

Nota da Redação — Já estava escrito e entregue para composição êste excelente estudo de Salvyano Cavalcanti de Paiva quando luzes foram feitas no processo que corre contra o produtor e diretor Watson Macedo, responsável pela feitura de "Carnaval em Marte", surgindo, então, uma versão que parece agora a mais verdadeira em todo o intrincado problema do plágio acusado por Van Gal, ou melhor, Paulo Galvão.

O cronista de rádio Braga Filho, principal testemunha do acusador, juntou ao processo por intermédio do advogado de Van Gal, uma prova realmente forte: uma declaração sua de que lera em fins de setembro a uma peça do mesmo Van Gal bastante semelhante ao enrêdo do filme de Watson Macedo. Deduz-se daí que o diretor e produtor brasileiro está numa situação realmente perigosa, pois êle afirma que não teve intenção de plágio, mas como fará por negá-lo afinal, se no seu filme, assim como na peça de Van Gal, o principal personagem, ou seja o repórter, leva uma pancada na cabeça e sonha que está em Marte. Também se acusa Watson de registrar um título e usar outro quando da exibição de seu filme, ou melhor, haver registrado "Carnaval de Marte" (supondo-se que ali teria lugar o Carnaval), à maneira dos Marcianos (!) e lançar o filme como "Carnaval em Marte" (um grupo de brasileiros resolve fazer o Carnaval na terra dos Marcianos.

A princípio julgou-se que Van Gal, autor do processo, desejava indenização em dinheiro e muita gente concluiu de sua má fé e interêsse financeiro apenas em tôda questão. Agora ficou esclarecido que Van Gal deseja tão sòmente uma reparação moral e o direito de usar o seu enrêdo, como se julga e a Justiça está decidindo se de fato o é, autor da história de "Carnaval em Marte".

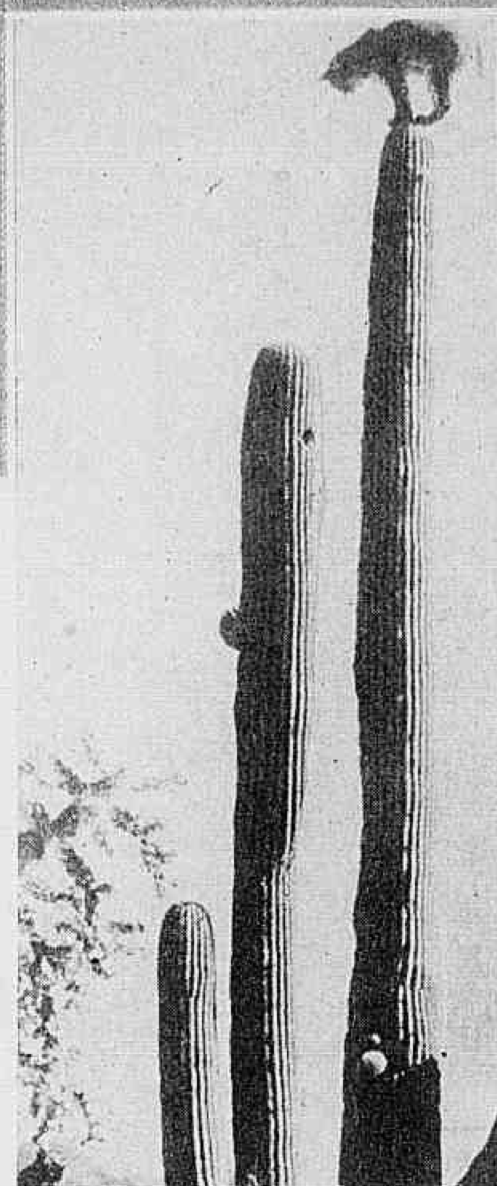
O humorista Leon Eliachar que foi apresentado ao público de certo vespertino como autor de mais de vinte filmes, tal não é e não se julga, tendo mesmo semanas antes do filme ser estreado, declarado aos amigos que muito pouca coisa sua foi aproveitada no argumento. Leon está, no entanto, sendo apontado como autor principal do enrêdo de "Carnaval em Marte", o que não traduz a verdade, pois nêle colaborou em doses fortes o próprio Macedo e mais o roteirista cinematográfico, Alinor Azevedo. É difícil acreditar que três homens tenham-se reunido para "trabalhar" um plágio. Muito difícil mesmo, mas a Justiça decidirá afinal se acreditar nisso é estar perto da verdade.

Também "Guerra ao Samba" estêve ameaçado de um processo, correndo agora a versão de que a Atlântida foi bem mais feliz que Watson Macedo, por que chegou a um acôrdo rápido com os autores (Olavo de Barros e Mário Lago) do esquete "Morra o Samba", onde o próprio Oscarito interpretava um quadro. Deduz-se que Oscarito tenha contado o tal quadro para Cajado Filho e êste idealizado logo o argumento do filme que mais tarde seria realizado pela Atlântida. Êsse fato, se é que houve plágio em "Guerra ao Samba", ainda não está convenientemente esclarecido e talvez não o seja, pois foi dado como assunto encerrado.

O PLÁGIO É MAIS VELHO DO QUE O PRÓPRIO CINEMA



DISNEY E SUA MENSAGEM DE ALTRUÍSMO



Um flagrante difícil.

A SIGNIFICAÇÃO REAL DE "O DRAMA DO DESERTO"

Quando Walt Disney deu como pronto o seu «O Drama do Deserto» (The Living Desert), em tecnicolor, e o exibiu ao público, sempre ávido de coisas novas, descortinou-se uma nova era de diversão, em matéria de cinematografia, no mundo inteiro!

O processo nunca antes alcançado fêz com que a história de «O Drama do Deserto» se tornasse a inspiração para combate aos males que afligem a humanidade.

Na Europa, os dez países que tiveram o privilégio de lançar êsse filme, comprovaram o seu sucesso que, até àquelas plagas, tinha chegado.

Por volta da época atual, Londres o mantém em cartaz por vinte oito semanas consecutivas de absoluto apogeu. E assim em Paris, com 23 semanas; Berlim, com 18 semanas; Dublin, Roma, Copenhague e Zurique, com 14 semanas cada cidade; Estocolmo e Viena, com 11 semanas cada e Bruxelas com 10 semanas.

No México vem sendo exibido há sete semanas consecutivas, e em Lima, Peru, não menos do que seis semanas vem o filme batendo todos os recordes de espectadores.

Muito se tem dito de Walt Disney, como benfeitor da humanidade, pelos seus trabalhos de curta ou longa metragem, todos como mensagem de alegria, fé.

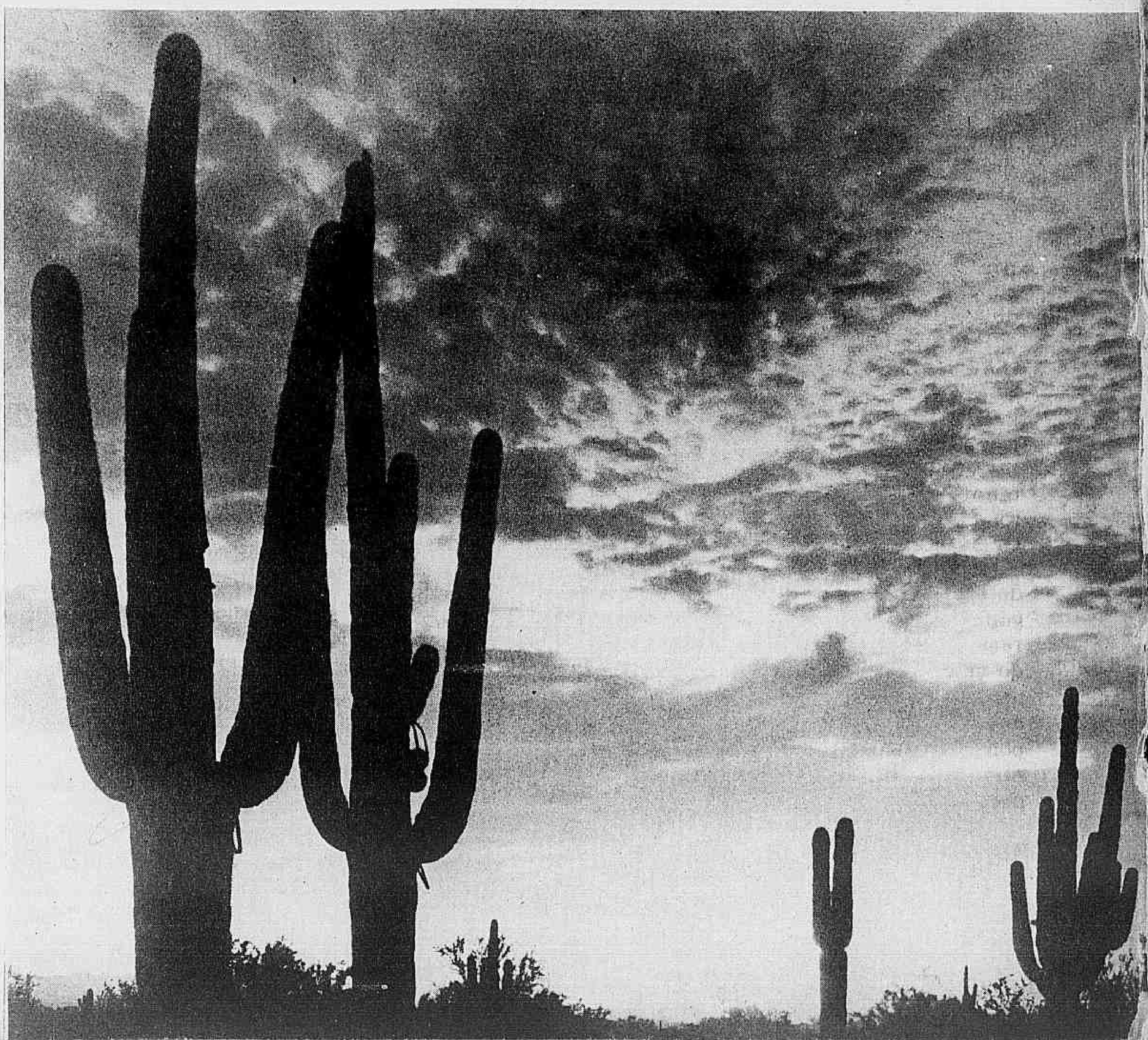
Muito mais ainda se dirá ao ser visto «O Drama do Deserto» — uma mensagem de altruísmo — e elogiado de maneira inequívoca, recebendo prêmios em todos os Festivais de Cinema até aqui realizados, como obra prima de beleza e lirismo, de realidade e dureza, de confiança e exaltação às fôrças do homem.

Procurando acentuar a interminável renovação de todo o ser vivente, «O Drama do Deserto» é notável pelo seu encanto e pela virtude da paciência dos colaboradores de Disney, aguardando o momento flagrante e culminante para apresentar um deslumbramento, a cada instante, novo na cinematografia! ... ...

Como não podia deixar de ser, pois Walt Disney não dispensa de um fundo musical que melhor traduza a expressão de sua obra, o tema de «O Drama do Deserto» que se desenvolve numa «suite» interpretativa, acentua e localiza tudo o que projeta o tecnicolor, e cujo responsável, Paul Smith, prestimoso colaborador de Disney, recebe os aplausos do mundo por tão exuberante partitura.

(Continua na pág. 40)

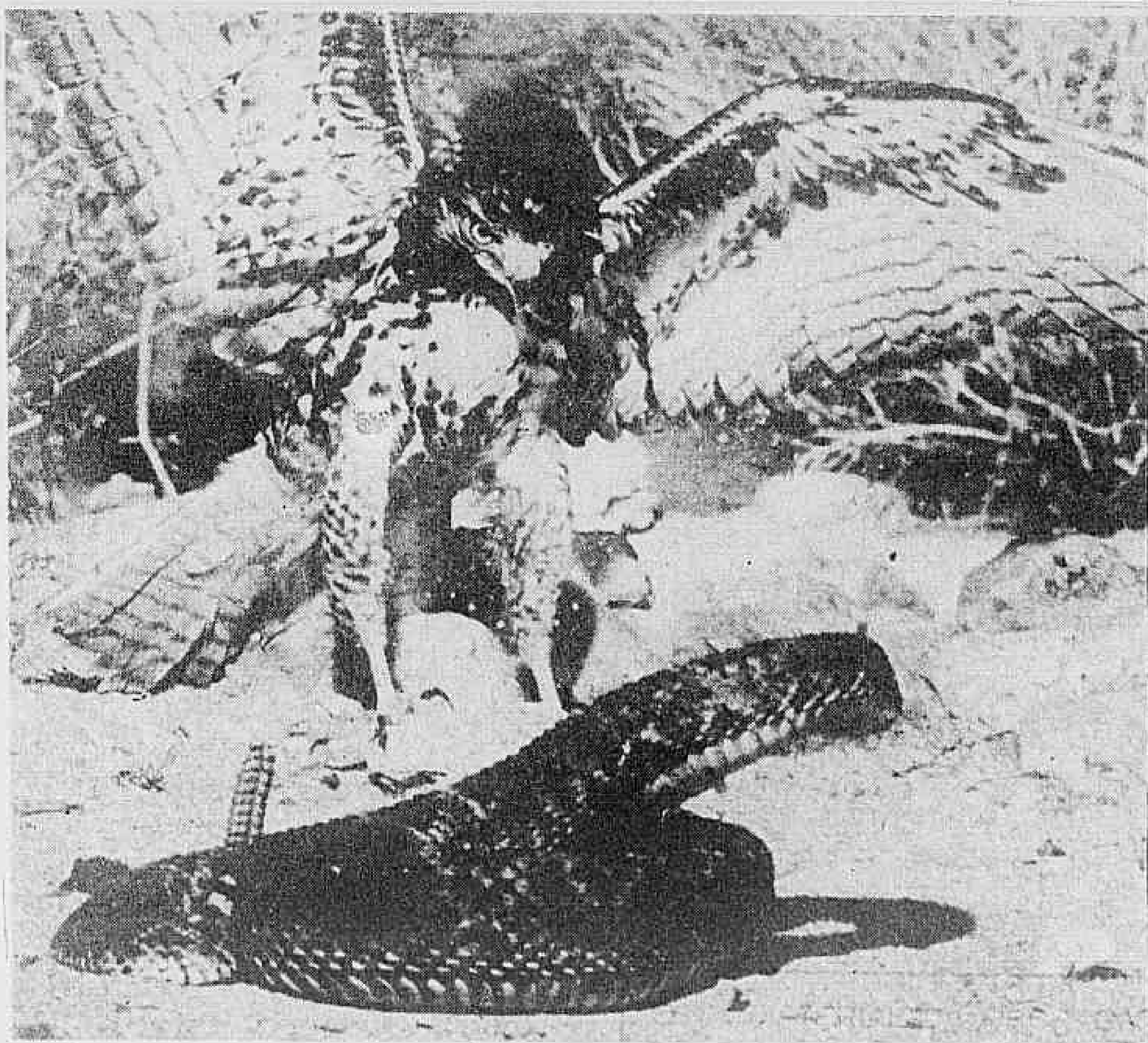
Walt Disney abandonou por momentos o seu mundo encantado dos desenhos animados e pôs-se a trabalhar numa obra de maior realce. Êle sonhou durante muito tempo com «O Drama do Deserto», mas sabia-o de difícil realização. Nada, porém, o fêz recuar. Preparou tôda uma equipe, escolhendo o pessoal entre os seus melhores colaboradores, e enviou-a para regiões afastadas com a missão de plasmar no celulóide a vida e o drama do deserto com todos os seus personagens. O mundo ficará devendo a Disney mais êsse trabalho digno de um homem que tem dedicado tôda sua vida a uma causa difícil e nem por isso menos meritória: a diversão do público, o entretenimento das gentes das cidades e vilas mais afastadas, através da magia do cinema, que nêle ganhou a sua figura mais expressiva. «O Drama do Deserto» é uma perfeita mensagem de altruísmo, pois nela Disney procura ensinar através de uma natureza que dá lições diárias de paciência ao homem, êsse eterno insatisfeito e desesperado.

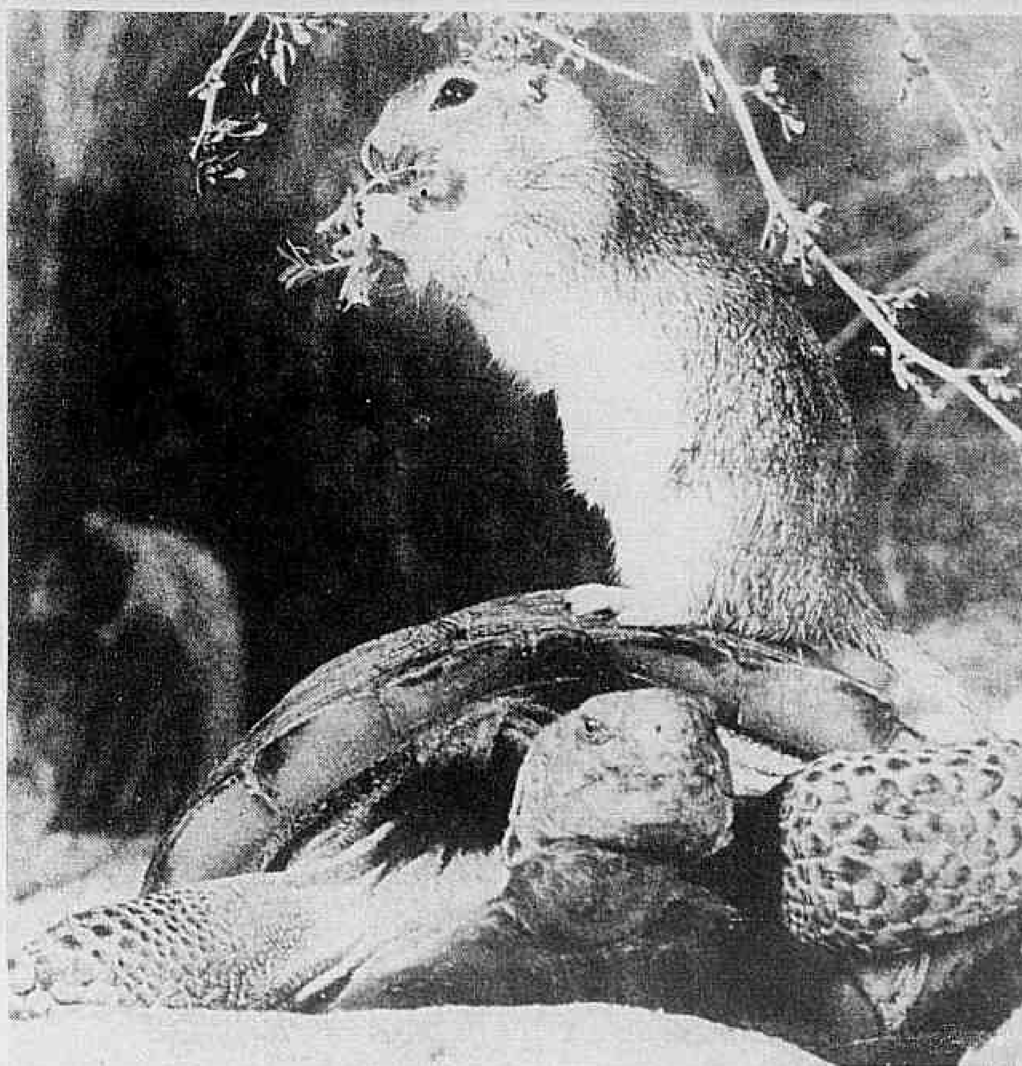




Cenários belíssimos fazem de «O Drama do Deserto» um filme diferente. Assisti-lo é como correr os olhos pelos panoramas mais extasiantes, é ver vida fluindo a cada instante, é admirar o eterno encanto da paisagem por mais agreste que ela se nos apresente. O deserto vive um drama e êsse drama preocupou Disney que sempre desejou mostrá-lo no cinema. Seu filme saiu excelente vários paiss já o aplaudiram. Não por uma semana apenas, mas por dezenas e vintenas!

Heróis diferentes tomam conta das cenas mais empolgantes de «O Drama do Deserto». Para apresentá-los ao público a equipe de Disney sofreu horas de espera e enfrentou muitas dificuldades. Emoldurando as imagens, foi escrita uma partitura que se adapta a tôdas as situações dêsse filme, que é uma valiosa contribuição para que o homem compreenda a natureza e mire-se nela para resolver seus próprios problemas.

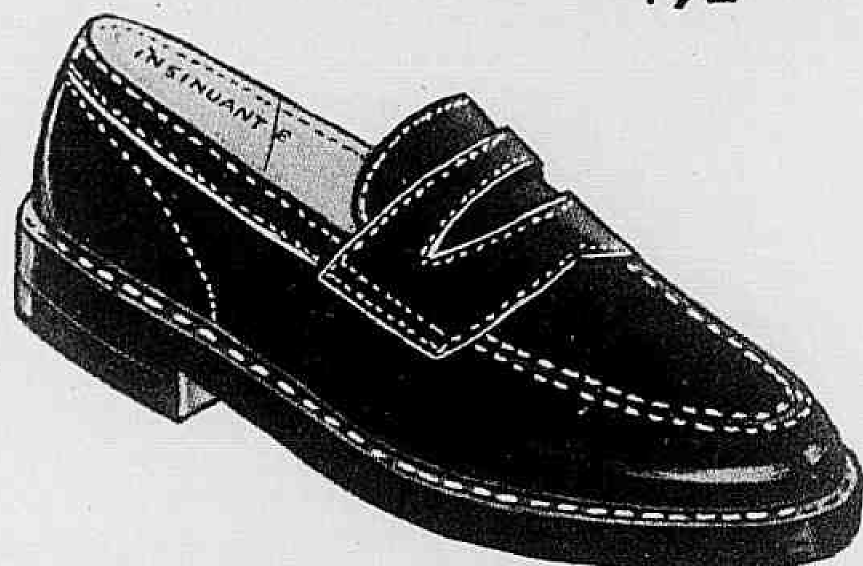




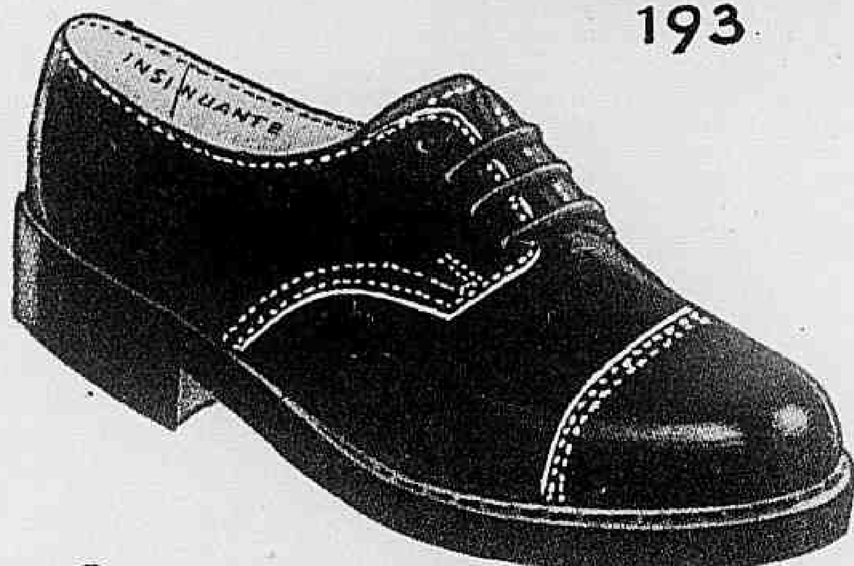
Mande os seus filhos á ESCOLA!



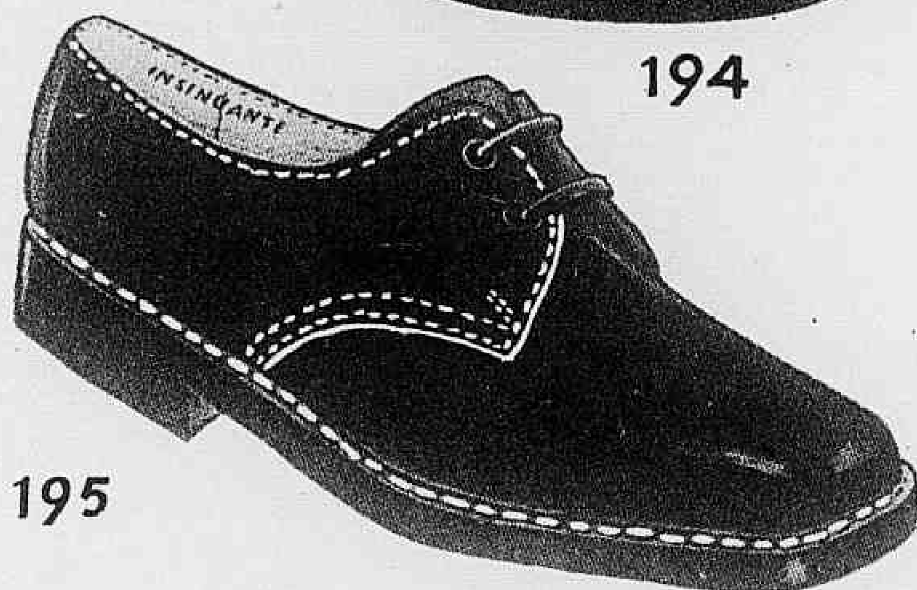
192



193



194



195

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

192 Cr$ 150,00 — Sapato esportivo, de vaqueta preta, saltos de borracha, cem por cento colegial. Um sapato para a aluna ou para a professôra.

193 Cr$ 175,00 e Cr$ 195,00. Respectivamente de 28 a 32 e de 33 a 39. Sapato esportivo — colegial, adotado nas principais escolas do país. Ótima vaqueta preta, saltos de borracha.

194 Cr$ 200,00. Número de 28 a 37. Grande sapato para meninos e rapazes em vaqueta preta sola dupla.

195 Cr$ 135,00 — Cr$ 150,00 — e Cr$ 195,00. Respectivamente de 23 a 27 — 28 a 32 — 33 a 40. Sapato Normalista, artigo de primeiríssima.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. S'EMOG.

JEAN SIMMONS



Jean Simmons tem um papel destacado em «Desirée», a vida de Napoleão, que é no filme Marlon Brando.

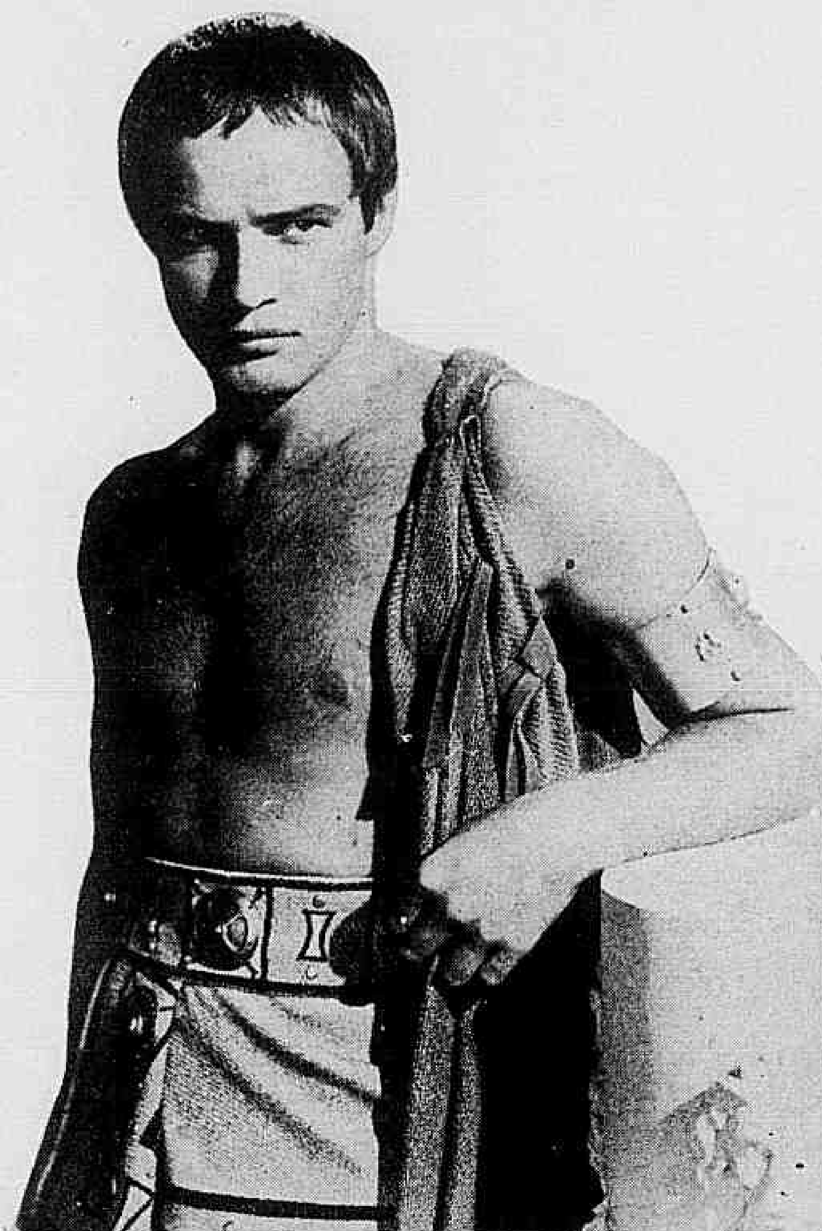
BASTOU que Jean Simmons fizesse sucesso no cinema inglês, para ser cobiçada por Hollywood. Acabou assinando um vantajoso contrato e transferiu-se para a América onde conseguiria um primeiro plano entre as «estrêlas» mais famosas e encontraria aquêle que se tornaria depois seu espôso: Stewart Granger.

Atualmente Jean Simmons está com o nome definitivamente feito em Hollywood. Feliz com a carreira e com o matrimônio que saiu perfeito. Daí seu permanente sorriso de felicidade... **(Foto FOX)**

OS 10 MAIS

PELA EQUIPE DE «A CENA»





Marlon Brando foi a figura mais falada do cinema entre as dez «mais faladas» durante 54. Seu nome serve para especificar o tipo de artista mais comum em Hollywood: aquêle cujo prestígio junto aos «fãs» aranja tudo...

«Júlio César» não ajudou muito. Mas não atrapalhou...

MARLON BRANDO foi uma figura discutida, muito lembrada e ainda mais citada durante 1954. Daí a justa escolha de seu nome para abrir êsse desfile dos nomes selecionados pela equipe de «A CENA» como os «mais falados» do ano de 54.

Marlon Brando é uma figura singular e sua fama hoje em dia é tão grande que já atinge um plano de legenda. Falam dêle por qualquer motivo. Citam-no à todo instante como exemplo da «falta de responsabilidade» em Hollywood, o que não deixa de ser uma mentira, que à custa de ser tão repetida, acabou tomando aspecto de verdade.

Marlon não se incomoda muito com essa onda de publicidade em tôrno de seu nome, pelo contrário, continua atirando madeira sêca na fogueira, isto é; dando motivo para que falem.

Em 54 estêve sempre em evidência. Brigou co mo estúdio, andou sumido voltou, fêz as pazes, aceitou o papel de «Desirée», deu um «show» de interpretação, foi apontado como o noivo oficial de Movita, desmentiu, foi para a Europa e apareceu ali com outra garôta que disse ser a sua futura espôsa.

Acreditar nêle é problemático, porque nunca se sabe ao certo se está falando sério, se está brincando ou comprometendo-se. Marlon gosta de se deixar levar pela vida, aos caprichos do Destino, chegando muitas vêzes a situações inusitadas que aumentam cada vez mais o seu cartaz de «artista rebelde» e de «homem diferente».

Em 54 êle estêve sempre na crista dos acontecimentos em Hollywood e na bôca dos «fãs» do mundo inteiro. Ninguém melhor do que êle para abrir êste desfile!



FALADOS DE 54



MARILYN MONROE foi outra figura comentadíssima em 54. Sempre em ascenção, a atual loura mais famosa de Hollywood, não saiu da bôca dos «fãs» que discutiram suas interpretações nos filmes, suas modas, seus ditos, seu casamento e depois seu inesperado divórcio de Joe D Maggio.

1954 estava no fim e Marilyn passou a ser o assunto de tôdas as palestras, mesmo as que não tocavam em cinema. Ela parecia tão feliz com o espôso e de repente! Zás! Pediu divórcio, acusando Joe Di Maggio de ser um homem frio que nem conversar sabia...

De certo modo êsse acontecimento na vida de Marilyn Monroe, serviu para reacender a chama do interêsse popular pelo seu nome. Como publicidade, foi a maior que a «estrêla» teve até hoje e não poderia vir em melhor ocasião, isso porque outra beldade do cinema, Gina Lollobrigida, ameaçava muito de perto...

Hollywood reagiu muito bem e o nome de Marilyn voltou a ser o «prato favorito» dos «fãs», clasificando-a entre os «mais falados» de 54.

Foi o divórcio de Marilyn que assegurou para a «estrêla» muito cartaz nos fins de 54. O fato foi muito comentado.

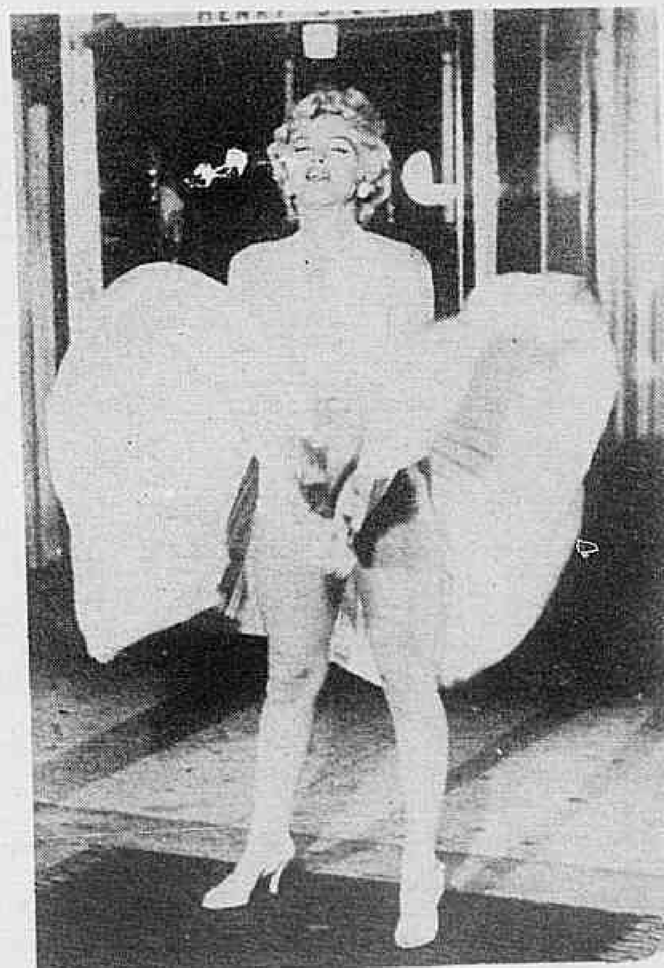


DIZEM os «mais bem informados» que a foto ao lado provocou o divórcio entre Marilyn e Joe Di Maggio. Desde cedo uma multidão estava diante do Metrô à espera da equipe da Fox que ali filmaria uma cena com a famosa «estrêla». Um ventilador colocado em ponto estratégico entrou em ação quando o Diretor deu ordem de filmagem e Marilyn viu seu vestido voar, **incerto e caprichoso**. Marilyn adorou ser fotografada de todos os ângulos e no dia seguinte aparecer nas primeiras páginas dos jornais, porém Joe Di Maggio ficou furioso e pediu explicações.

Ela não podia dar explicações, pois aquela vida era a sua e a carreira de artista exigia muito. Marilyn não estava disposta a recuar no caminho percorrido e veio o divórcio. O fato fêz com que o nome de Marilyn andasse nas manchetes e nas reportagens constituindo a maior publicidade em tôrno de uma artista no fim de um ano repleto de acontecimentos inusitados.

Agora já se fala que haverá reconciliação do casal e se isso acontecer, o que é muito provável, vai credenciar Marilyn para a lista dos «dez mais falados» de 55, mas ainda é cedo para previsões...

Flagrante sensacional de Marilyn no Metrô de New York. Passo definitivo para o divórcio que alcançou tão grande repercurssão.



OS 10 MAIS FALADOS DE 54...

GRACE KELLY começou como personagem de pequenos casos sentimentais. Atualmente está sendo muito falada pelo seu próprio valor como artista. Depois de ser acusada de «destruidora de lares», quando se viu envolvida ou foi «envolvida» pela publicidade do estúdio, num «romance» com Ray Milland, Grace também mereceu destaque como a possível futura espôsa de Clark Gable e não mais se falou no assunto. Mas, o nome de Grace pegou e os «fãs» quiseram saber algo mais sôbre sua pessoa. Daí a sua popularidade muito rápida e o grande número de admiradores que a «estrêla» possui no mundo inteiro.

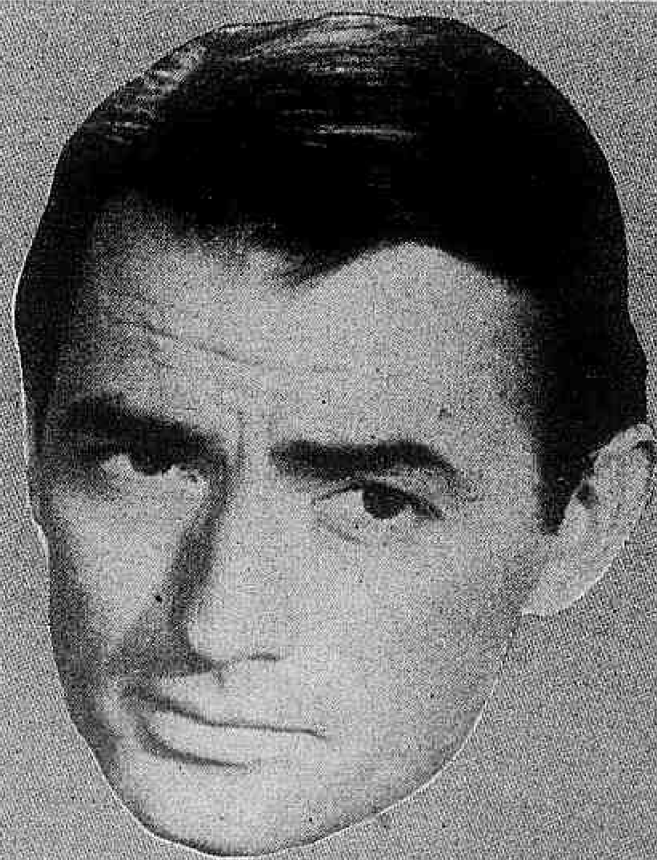
Está claro que sendo uma mulher culta e inteligente Grace Kelly tratou de evitar ser incluida em outros escândalos, não aceitando em nenhuma hipótese o título pouco lisongeiro de «ladra de corações», preferindo continuar com sua existência calma, dedicada à carreira e aos seus afazeres domésticos. Não gosta muito de posar para publicidade, por isso mesmo acreditamos que ela não venha a ser incluída na lista de 55, mas em 54 mereceu figurar entre os dez mais falados, se mais não fôsse, pela sua bela atuação em «Mogambo» e como revelação de Hollywood nêsse ano.

No momento Grace é muito disputada pelos estúdios que a desejam para suas produções de maior categoria. Se as previsões não falharem, ela continuará no cartaz, embora de maneira mais branda, mas longe, bem longe dos escândalos sentimentais que a lançaram em 54!



GREGORY PECK é atualmente um dos maiores nomes de bilheteria do cinema americano. E um dos mais falados também. Em 54, Gregory Peck manteve a forma e viu sua popularidade aumentada, apesar de não haver interpretado nenhum grande filme. Andaram, porém, descobrindo romances em sua vida privada e as primeiras notícias de rusgas entre êle e Greta foram confirmadas. Falou-se em divórcio e 54 escoou sem que o assunto fôsse resolvido, mas o desfecho do casamento aconteceu agora com a liberdade para Gregory que parece estar disposto a imprimir novos rumos à sua vida, tanto a de artista, como a de cidadão.

Ele foi escolhido para o papel principal de «Moby Dick», o que muito o credencia para o «Oscar» de 56. Até lá, Greg continuará sendo muito falado, mesmo como personagem de boatos, como sucedeu ao terminar as filmagens de «A Princesa e o Plebeu». Chegaram a dizer que Greg, após o divórcio que era previsto para 54, pediria Audrey Hepburn em casamento. Nêsse meio tempo êle partia para a Europa e seu nome continuava lembrado... Audrey casava mêses mais tarde com Mel Ferrer. E não mais se tocou no assunto.





GINA LOLLOBRIGIDA teve em 54 uma das maiores campanhas de publicidade em sua carreira. Disso tivemos prova em «A CENA», pois a nossa edição com a querida Gina na capa, exgotou-se em vários Estados e para a redação choveram cartas pedindo mais entrevistas com a intérprete de «A Insatisfeita».

Gina não foi apenas uma das «mais faladas» em 54, foi faladíssima! Quem não a conhecia, ficou sabendo que se trata de uma «estrêla» italiana de busto sensacional e real talento para a arte cinematográfica, isso porque Gina pôde provar sua vocação dramática em dois filmes «Pão Amor e Fantasia» e «La Provinciale». Com êste último e com os anteriores, ela recebeu o «Nastro D'Argento» que não é outro sinão o «Oscar» para os astros italianos.

O nome de Gina ganhou mundo e conquistou os americanos que lotaram os cinemas que exibiam seus filmes. Por imposição de sua própria popularidade, bastante aumentada em 54, ela resolveu aceitar um convite para dar um pequeno «giro» pelas Américas. Estêve no Rio, em Buenos Aires e New York. Ninguém foi mais aplaudido. Ninguém foi mais aclamado. 54 pertenceu a Gina Lollobrigida com tôdas as honras e o cinema europeu impou de orgulho justificado vendo sua «estrêla» em situação tão brilhante.

Embora sem se envolver em escândalos, Gina foi a grande atração do último Festival, de Veneza, e seu sucesso é agora garantido aonde vá. Em 55 seu nome já está anotado para figurar na lista dos «mais falados». Coisa que nem se discute, porque não se vai acreditar que a querida artista italiana venha a se ofuscar, ela que está brilhando tão intensamente e que assim deverá continuar por muito tempo. Seu nome foi incluido nêste desfile com grande merecimento e não será exagêro afirmar que ela corre o páreo em igualdade de condições com sua grande rival do presente: Marilyn Monroe.



Em 54 o mundo ficou sabendo que Gina Lollobrigida não era apenas produto de publicidade do cinema italiano. A «estrêla» de busto mais famoso também nasceu artista dramática e deu provas disso em «Pão, Amor e Fantasia», compondo um tipo de difícil interpretação e ganhando elogios francos e unânimes. Apesar de aparecer durante todo o transcorrer do filme com um vestido rasgado, o cabelo em desalinho e descalça, Gina não perdeu seu «glamour» e continuou absoluta. Sincera no seu desempenho, Gina tomou conta de 54 como «estrelíssima» que é!





Dick Haymes no dia de seu casamento com Rita Hayworth. Foi o começo de nova fama...

POR meter-se em complicações com a severíssima Comissão de Imigração dos Estados Unidos, o cantor argentino Dick Haymes viu seu nome em grande evidência no decorer de 54.

Seu casamento com Rita Hayworth foi o início da onda de publicidade que o envolveu e Dick, apesar das atribulações, deve estar satisfeito com a situação, por que dêsse modo pôde sair de um incômodo esquecimento. Sua carreira estava pràticamente encerada e dêle ficara apenas uma lembrança, uma tênue lembrança do intérprete (seguro, é bom que se diga) dos musicais com Alice Faye e Vera Ellen. Nada mais. Estava escrito, porém, que em 54 Dick seria muito falado e aconteceu o casamento com Rita. As reportagens fartas de fotografias recordaram-no junto aos «fãs» e estorou o caso com o Dep. de Imigração. Dick havia declinado de sua situação de argentino quando do recrutamento para a guerra com o Japão, deixando dêsse modo de embarcar, ao contrário do que fizeram centenas de astros, entre famosos e desconhecidos. O caso parecia normal, mas não foi assim. Ameaçaram o cantor com a deportação e êle agarrou-se aos melhores advogados para evitar que isso pudesse acontecer, o que ainda é muito provável.

Rita, por sua vez, já declarou que acompanhará o marido para onde êle viajar, se ficar decidido que não pode permanecer nos Estados Unidos. Também Rita foi protagonista de um caso com a sua companhia, a Columbia, mas o assunto não assumiu proporções dignas de maior registro. Dick, o marido, é quem fêz bonito em 54, muito falado e discutido, o que é sempre bom para um artista em declínio.

OS DEZ MAIS FALADOS DE 54



SIMONE SILVA, atriz inglêsa de limitados recursos como intérprete dramática, andou na crista de uma onda forte de publicidade. Ela deixou que Robert Mitchum lhe tirasse a echarpe (que lhe cobre o belo busto) no Festival de Cannes e os fotógrafos não perderam tempo. Resultado: suas poses nudistas espalharam-se pelo mundo e seu nome começou a ser citado. Contratada para Hollywood, ali chegou confiante, porém o Dep. de Imigração negou-lhe o visto de permanência e aí começou o seu drama, um drama suave que lhe trouxe boa e gratuita publicidade em 54. Acusada por alguns e defendida por muitos, Simone Silva permaneceu escondida dos repórteres num cativeiro impôsto pelo homem que a contratou: o produtor Al Petker, que é muito vivo e percebeu as vantagens de mantê-la assim como uma criatura inatingível. 54 foi bom para Simone, muito bom mesmo!



Outra que foi grandemente beneficiada em 54: Judy Garland. A carreira dessa artista que já fôra um nome famoso em Hollywood estava no fim. Judy sofria periódicas crises nervosas e seu complexo de perseguição aumentava, afastando-a dos estúdios. Não podia aceitar contratos, pela simples razão de não confiar na sua própria saúde, então muito abalada. Para Judy era o fim, mas não para seu espôso, o produtor Sid Luft que sempre acreditara em seus recursos aramáticos.

Sid estava para produzir um filme (Nasce Uma Estrêla) e pensara em Judy para o papel principal. Judy aceitou o trabalho sem grande entusiasmo e mesmo sem acreditar nas suas possibilidades de chegar até o fim. Estreado em 54, o filme bateu todos os recordes de bilheteria nos Estados Unidos e lançou outra vez a nossa querida Judy Garland aos pináculos da fama.

Agora ninguém mais duvida de sua completa recuperação, como mulher e como artista. Perfeita na sua arte e feliz ao lado do espôso, Judy Garland caminha confiante para o futuro. Dá graças a êsse 54 que ajudou-a a recuperar o tempo perdido e que lhe deu novamente a oportunidade de ver seu nome nos luminosos do mundo inteiro.

Um grande ano para Judv, que foi faladíssima no segundo semestre de 54, um ano muito camarada para os artistas de cinema que já não mais tinham esperanças de uma grande vitória. A de Judy Garland foi categórica e o seu sorriso de agora é o sorriso de uma artista completa e inteiramente feliz.



Judy Garland ficou devendo a 54 sua ascenção em «Nasce uma Estrêla».

EDMUND PURDOM era um artista inglês que vivia pràticamente «encostado» em Hollywood até que em 1954 sua sorte mudou. Mudou e êle começou a ser falado. Para um artista que estava naquela situação, Purdom subiu rápido, porque agora já se dá até ao luxo de brigar com a espôsa e esquecer os amigos dos dias amargos.

Quando Mário Lanza começou a «brigar» com a Metro recusando-se a interpretar o papel de «O Príncipe Estudante», foi lembrado o nome de Purdom e logo aceito. A Fox escolheu-o para «O Egípcio» e desde então, o jovem ator inglês viu seu nome comentado, relativamente bem comentado em 54. De 54 êle é também uma das revelações mais fortes e tudo faz crer que com o tempo venha a ser um astro famoso dentro e fora de Hollywood.

Dizem que êle tem muito valor. Vamos aguardar «O Egípcio» para tirar nossas conclusões, o que não impede que êle seja incluído na nossa lista dos «dez mais falados de 54», o que efetivamente êle foi.



Assim aparece Edmund Purdom em «O EEgípcio». Também êle ficou devendo muito a êsse 54 camarada...

OS 10 MAIS FALADOS...

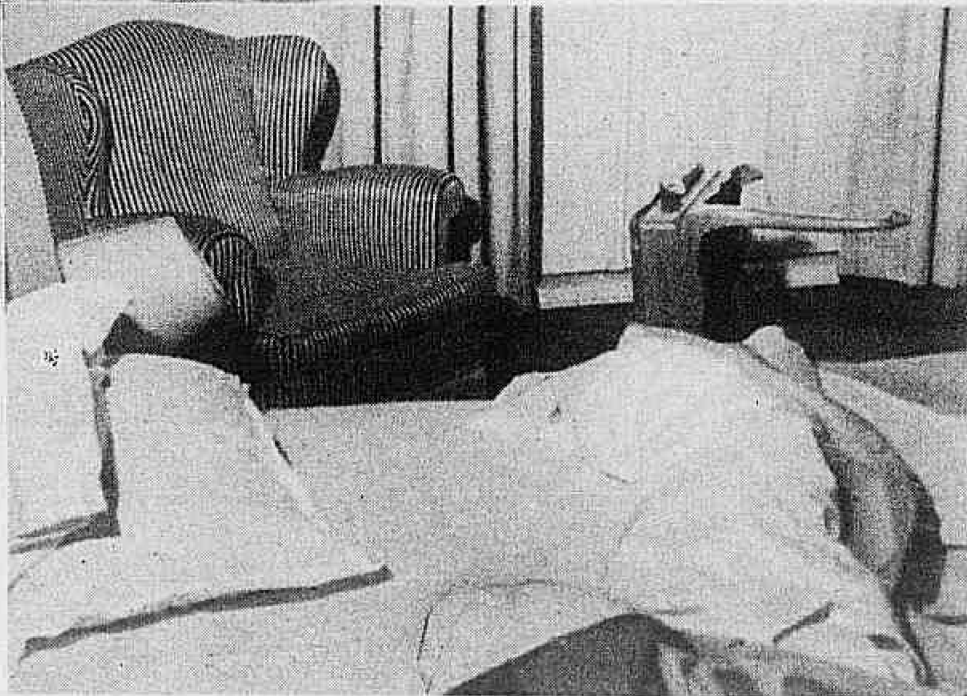




● Ava Gardner foi uma das «estrêlas» mais faladas em 54. Pelo seu comportamento fora dos estúdios, envolvida em romances com homens famosos (toureiros na maioria) e criando «caso» nos países que visita (no Brasil, por exemplo).

● Desde que chegou ao Galeão, Ava mostrou-se nervosa diante do número de «fãs» que ali fôra para recebê-la. Foi o acontecimento extra-cinematográfico mais comentado em 54. E aumentou o cartaz de Ava!

● A «estrêla» quis processar o Hotel Glória por haver permitido que fôssem tiradas fotos do quarto mutilado depois que por ali passou uma noite apenas. Mas isso não diminuiu o escândalo, porque ninguém acreditou na sinceridade de Ava.



MESMO que Ava Gardner não fizesse nada de mais seria falada (e muito) em 54, como tem sido em outros anos desde que ela se tornou uma «estrêla» de primeira grandeza. Ava não tem sido feliz em seus amôres e casamentos. Divorciada pela terceira vez, tentará a felicidade com o toureiro Dominguin, é o que foi dito e repetido em 54, ano que serviu para Ava mostrar que além de mulher bonita, é muito geniosa. A moça andou visitando o Rio de Janeiro e aqui fêz barulho no Hotel, quebrou copos e móveis e por pouco não quebrava outras coisas, indo para Copacabana onde recebeu a Imprensa, nervosa e ao mesmo tempo sorridente. 54 não foi um grande ano para Ava, porém concorreu para aumentar-lhe o cartaz e propagar-lhe o nome tão simpático. E isso já foi muito, convenhamos.



DEBRA PAGET começou nos estúdios da Fox interpretando papéis de ingênua até o dia em que se convenceu de que precisava mudar urgentemente de gênero A concorrência entre as ingênuas de Hollywood é bem grande e Debra acabou por compreender que uma «vamp» leva enorme vantagem diante de uma dezena de ingênuas. Aproveitou a oportunidade surgida no filme «A Serpente do Nilo» no qual deveria interpretar uma «dança proibida» ou seja a «dança do ventre». Ela o fêz de tal maneira que a Censura assistindo ao filme alarmou-se e determinou que fôsse eliminada a referida sequência.

Debra não gostou da interferência da censura e para provar que pode vencer como «vamp», aceitou contratos para «night-clubs» em Las Vegas, repetindo o seu número com estrondoso sucesso. Da maneira como a jovem artista vem perseguindo a fama, não duvidamos que ela a conquiste dentro de pouquíssimo tempo. (Foto Fox)

GINGER ROGERS (REVELANDO-SE) DECLARA:

O TEMPO NÃO IMPORTA











Ginger Rogers a quase veterana está assim depois de tantos anos de «estrelato»!

HÁ verdades em Hollywood que costumam ser desmentidas pelas «estrêlas». Ginger Rogers, por exemplo, é uma delas. A quase veterana artista do cinema continua tão maravilhosa (no rosto e na plástica) apesar de ter atrás de si alguns pares de anos desde que pisou um estúdio pela primeira vez.

Larga temporada passou Ginger Rogers afastada do cinema para reaparecer agora de maneira brilhante nos filmes da Fox. Veio remoçada de sua viagem à França e ainda mais feliz do que antes porque «pescou» um marido do tipo alto, moreno e simpático (Jacques Bergerac.)

Para demonstrar que o tempo de nada importou em relação à sua condição de mulher bonita e elegante, aceitou um papel (A Viúva Negra) que exigia em determinada seqüência do filme a exibição do corpo. Ginger não se fêz de rogada e foi filmar, causando admiração ao próprio diretor e aos companheiros de elenco. É que ela parece estar muito mais maravilhosa do que antes. Pelo menos o seu corpo tem agora formas definidas que farão o encantamento dos fãs.

Eis aqui a prova (fotográfica) da oportuna revelação de Ginger Rogers, uma quase veterana que pode, quando bem entender, retomar seu lugar entre as «estrêlas» de maior público nos filmes de Hollywood. O tempo não importa...

Quantas «estrêlas» de Hollywood não gostariam de ostentar uma plástica tão perfeita?



Em «A Viúva Negra», da Fox, Ginger Rogers exibe tôda sua elegância.

Um maravilhoso vestido branco serve de motivo para uma seqüência inteira...

...que se completará quando Ginger acabar a fascinante «operação» de despir-se.

No final de tudo, Ginger e seu corpo estonteante serão revelados aos fãs extasiados!

Ela sonhou em ser princesa



FASCINADA POR ALI KHAN, GENE TIERNEY ENTREGOU SEU CORAÇÃO AO PRINCIPE MUÇULMANO, PORÉM ÊLE O DESPREZOU COMO O FIZERA COM RITA HAYWORTH

ALI KHAN, o eterno colecionador de romances com mulheres famosas, entrou definitivamente no coração de Gene Tierney. A famosa artista de Hollywood viveu durante alguns meses em completa felicidade, porque Ali acompanhava-a em suas viagens e dizia sempre que o casamento seria a solução lógica para o romance que estavam alimentando. Agora nos chegam notícias de que Ali Khan mudou de pensar, fazendo sofrer à Gene que já contava em ser princesa, tal como acontecera antes com sua colega Rita Hayworth. Gene Tierney porém acredita na volta de Ali e será a mulher mais feliz do mundo se êle vier a aceitá-la como espôsa. (Foto Fox).

DONALD O'CONNOR



Para provar aos «fãs» que o cartaz de Donald O' Connor está subindo basta dizer que êle foi escolhido para companheiro de Marilyn Monroe, em «Fabricantes de Ilusões» que é uma empolgante história sôbre a vida artística na Broadway. Donald «deu tudo» o que sabe nesse papel e está confiante de que êle lhe abrirá ainda mais a estrada do êxito!

APESAR de sua permanente «cara de garôto», Donald O'Connor já não é um mocinho e fora dos estúdios é cidadão compenetrado. Donald começou na Universal fazendo comédias sem muita importância até que o colocaram como herói da série com o fabuloso «mulo» Francis com quem formou uma dupla muito apreciada pelos «fãs» brasileiros. Na Universal, Donald viu que seu futuro seria limitado ao sucesso da série com Francis e como artista ambicioso, que de resto são todos os artistas, ganhou «passe livre» e ingressou nos estúdios da Fox onde já interpretou duas películas: «Sua Excelência, a Embaixatriz» e agora «Fabricantes de Ilusões». Donald forma dupla com a sensacional Marilyn Monroe. Vocês vão vê-lo muito breve em papéis principais, pois a ambição artística de Donald O'Connor é firmar-se como um verdadeiro ator, o que acabará conseguindo.



Correram pelo beco fugindo da própria sombra! Os homens de Johny andavam por perto para matar!

SINDICATO DE LADRÕES

CADA INSTANTE ERA COMO UM BARRIL DE PÓLVORA PRONTO PARA EXPLODIR

COLUMBIA PICTURES apresenta

«SINDICATO DE LADRÕES»

(On The Waterfront)

Protagonisado por MARLON BRANDO

Elenco: Terry: Marlon Brando — Padre Barry: Karl Malden — Johnny: Lee J. Cobb — Charley: Rod Steiger — Eddie: Eva Marie Saint — Big Mac: James Westerfield — Pop: James Hamilton, e outros.

Produção e Direção de ELIA KAZAN.

TERRY MALLOY despertou de seu inquieto sono e o pesadelo de recordar foi tão sòmente uma continuação de sua noite agitada. Recordou, então, o grito que dera Joey Doyle ao precipitar-se do edifício. As caras aterrorizadas da gente que estava em baixo, na rua, rodeando seu côrpo inerte. O velho «Pop» Doyle estava destroçado pela tristeza. Também ali estava o cura da paróquia, o Padre Barry. E Edie, a jovem ruiva que era irmã de Joey. E Dugan, Moose, Jimm e o grandalhão Luke.

Seu irmão Charley não lhe dissera o que os rapazes pensavam fazer. Havia uma advertência da Comissão Investigadora dos Crimes do Pôrto, que o citara para o dia seguinte. Charley apenas recomendara que êle marcasse um encontro com Joey. Terry fêz isso, porém quando Joey chegou ao local, êle não estava ali, esperando-o.

Mais tarde, na pequena capela que ficava atrás da cantina de Johny Friendly, a turma estava reunida. Charley, com sua costumeira habilidade, disse a Terry que não devia importar-se com o que acontecera a Joey. Johny também havia falado com simpatia e isso já era alguma coisa, pois quem trabalhava nas docas necessitava da boa vontade de Johny Friendly.

No entanto, com tudo isso, Terry não se sentia bem. Falar diante dos policiais era coisa perigosa, era ser delator. Êle estava pensando no que dissera Edie curvada sôbre o côrpo do irmão: «Quem terá feito isto a Joey? Quem poderia querer-lhe mal? O senhor também é culpado, Padre. Não se volte, olhe!»

O Padre, muito emocionado, respondera:

— «Poderá encontrar-me na igreja, minha filha... se precisar de mim...»

Edie não dissera coisa bonita para o Padre...

Talvez o sol da manhã fizesse com que êle esquecesse tudo aquilo. Hoje era um dia novo e havia carga para descarregar. Johny Friendly havia ordenado ao seu capataz, Big Mac, que desse trabalho leve para Terry.

Êle não acreditava muito nisso e enquanto caminhava em direção ao seu trabalho, sentia-se nervoso.

No cais, a jornada se iniciou como em qualquer outro dia. Os homens se agruparam, estivadores de todos os tamanhos e tôdas as idades, esperando mal humorados e inquietos.

Depois chegou Big Mac e todos os rodearam pedindo, mendigando um trabalho com que alimentar os filhos. Ofereciam ao capataz três ou quatro dólares por um dêsses cartões que significavam um dia de pagamento. Os ajudantes de Johny, Specs, Sonny e «El Caminhão», colocara-os na linha à custa de empurrões bem dados. Big Mac escolheu os que queria e despediu com brutalidade os demais. Sempre ficavam uns duzentos a trezentos desesperados sem trabalho.

Assim acontecia quando não se era amigo do patrão grande, Johnny Friendly. Terry conhecia John tôda sua vida. Com Charley haviam jogado bola quando eram crianças. A vida não havia sido fácil para Johny. Sua ascenção — de estivador a dirigente do sindicato com 2.000 homens filiados, não havia sido fácil.

«Não estamos trabalhando por uns poucos centavos como mendigos» — vangloriara-se Johnny na noite passada — «Estamos começando a participar de um negócio que envolverá de cinco a seis milhões por ano e isso tão sòmente em meia dezena de cais. Ninguém pode pretender que percamos semelhante negócio por um imbecil como êsse miserável Doyle».

Johny tinha razão. Dominar êste sindicato não havia sido fácil. Havia encontrado muitos tipos perigosos em seu caminho e a grande cicatriz



Terry começava a simpatizar com Edie.

Não deixam que ande com rapazes onde você estuda?
Edie fêz um gesto vago.
— Não sabe como são as Irmãs?
— Você está estudando para freira por acaso? — perguntou Terry interessado.
— Não. É um colégio como os outros, porém dirigido pelas Irmãs.
Quando chegaram diante da casa da moça: Terry lhe perguntou se não gostaria de ver suas pombas, porém Edie deu uma desculpa e desapareceu no interior da casa. Uma velha apareceu numa das janelas do andar térreo e depois de olhar para Terry, gritou:
— Com a irmã de Joey Doyle. Bem sem-vergonha você é. Deixe a moça em paz!
— É proibido que se olhe para ela? — retrucou Terry e naquele momento sentiu-se muito aborrecido.

* * *

Em meio ao calor da tarde, Terry, em casa, divertia-se com seu primo tommy quando depois apareceu Edie Doyle correndo em sua direção.
— Mudei de opinião — disse a moça com um sorriso.
Terry sentiu-se excitado com a sua presença
— Estou muito contente... Quer tomar uma cerveja? Venha comigo e tomaremos uma.
— Em uma cantina? — perguntou Edie, inde-



O cais era como uma selva cheia de perigos.

abaixo do pescoço, lembrava-lhe sempre que o lugar ocupado não fôra conquistado com «brincadeiras».
A manhã foi como tôdas, salvo pelo escândalo que se formou quando Big Mac deixou cair a caixa com os cartões de trabalho e os homens se arojaram sôbre êles como se fôssem animais. O Padre Barry, talvez pensativo pelo que lhe dissera Edie Doyle na noite anterior, chegou e começou a fazer perguntas. Edie chegou logo depois com o lanche de «Pop» Doyle.
Num dos armazéns do cais, Terry saboreava seu novo cargo. A tarefa consistia em estar recostado sôbre os sacos de café e ler historietas cômicas. Foi assim que Seu irmão, Charley, o encontrou.
— O cura e aquela pequena Doyle convocaram uma reunião na igreja — disse Charley. — Gostaríamos de saber de que se trata.
Johny não permitia nenhuma classe de reuniões, salvo as que êle próprio organizava. Se algum tipo reclamava além do necessário, os rapazes de Johny davam-lhe uma boa surra e deixavam-no desacordado num lugar deserto.
— Porque escolhe a mim, Charley? Isso seria fazer o papel de um delator!
— Johny te fêz um bom favor e é melhor mostrar-se agradecido. Ser delator é quando se denuncia os amigos, os rapazes da tua turma. Se estás do nosso lado, rapaz, não deixes de ir a essa reunião. — disse Charley, afastando-se e não dando tempo a Terry de falar novamente.
A reunião era no sotão da igreja. Uns poucos estivadores, escutavam o que lhes dizia o Padre Barry.
— Quem matou Joey Doyle? — perguntou o Padre.
Sòmente o silêncio respondeu.
— Ninguém sabe de alguma coisa que nos leve até o verdadeiro criminoso? Como é possível que vocês se chamem cristãos e estejam protegendo assassinos?
Nesse momento Terry chegou. Enquanto arranjava um lugar para sentar-se, sentiu sôbre sua pessoa olhares pouco amistosos. «É o irmão de Charley», foi o comentário silencioso que pareceu escutar. Edie também ficou olhando para êle durante algum tempo.
— Se vocês permanecerem calados não destruirão nunca essa quadrilha! — continuou falando o Padre Barry.
As palavras do cura foram cortadas de uma forma inesperada. Uma pedra rompeu os cristais da janela e caiu perto do orador improvisado. Todos se levantaram de um salto.
— É um aviso de nossos amigos! — gritou Kayo.
— Temos companhia — disse o Padre Barry — É melhor que saiam em duplas.
Quando os homens saíram pela porta da igreja, os rapazes de Johny estavam esperando, armados com bastões de beisebol e barras de aço. Logo que êles entraram em ação, a rua se encheu de gritos e lamentos.
Edie dirigiu-se para a porta, porém Terry segurou-a pelo braço.
—Por aqui — disse êle, e arrastou-a pelo corredor até a porta de saída em casos de incêndio. Depois ajudou a descer até a rua e protegeu-a quando lhe pareceu ouvir bem próximos, passos pesados, que depois afastaram-se. Terry conduziu a moça em direção contrária.
— Obrigada — disse Edie. — Creio que poderei chegar até em casa.
— São indivíduos acostumados a brutalidade. Eu a acompanharei!
Edie ficou olhando-o, enquanto alisava o vestido. Em seguida perguntou:
— Você conheceu bem a Joey?
— Quem não o conheceu? — respondeu Terry, desejando esqueçer Joey. — Não tenha mêdo.



Haviam organizado um baile e antes que Edie consentisse êle começou a dançar. Terry estava apaixonado pela irmã do desventurado Joey!



Terry sabia querer e lutar pelos seus desejos. Edie não seria molestada pelos homens de Johny.

cisa. — «Pop» Doyle trabalhou duro tôda sua vida para fazer de sua vida uma dama e para educá-la.
Terry sorriu, compreendendo. Mas não se deu por vencido.
— Venha... conheço uma muito tranqüila. Tem até uma entrada especial para as damas.
A jovem não pareceu sentir-se à vontade, mesmo com a possibilidade de uma entrada especial, porém acabou seguindo-o. Depois de instalados e diante dos copos, Terry inclinou-se para ela e perguntou de modo inesperado:
— Qual é o negócio do Padre Barry?
A pequena olhou-o com assombro.
— É um sacerdote...
— Porém aqui cada um tem que lutar para viver. Não deve meter o nariz nos negócios alheios...
— Você chama isso «viver»... ou viver como um animal acorrentado?
— Pois eu prefiro viver assim e continuar vivendo... — terminou a frase com um sorriso bem significativo.
Edie compreendeu aquêle sorriso e baixou os olhos. Terry mordera a língua para não dizer: «para não morrer como Joey». Depois levantou-se, ligeiramente irritado e disse:
— Vou escutar um pouco de música.
Edie não suportou e falou em to mde súplica:
— Porque não me ajuda, se é que pode. Por que não me ajuda?!
Terry notou um soluço na voz dela e naquele momento sentiu um vago desejo de ajudá-la, porém lembrou-se de Charley e Johny.
— Eu gostaria de ajudá-la, Edie, porém...
— Está bem — disse a jovem levantando-se amuada — Não devia ter dito isso. Terry seguiu-a por um bom quarteirão e resolveu quebrar o silêncio:
— Está zangada, Edie?
— Não. Sei que me ajudarias, se pudesses.
Ao fim do quarteirão haviam organizado um baile ao ar livre. Uma pequena orquestra tocava e luzes coloridas e serpentinas adornavam o lugar.
— Gosta de dançar?
Não esperou a resposta dela. Enlaçou-a e começaram a dançar.
Depois de alguns instantes, olhou-a com surprêsa, falando:
— Como dançamos bem... Confesso que nunca conheci uma pequena como você, Edie. Tôdas as que conheci foram fáceis. Nunca tive uma pequena como você.
— Gosto de dançar com os olhos fechados — murmurou ela — é como se estivesse flutuando.
Dançando, afastaram-se da orquestra, aproximando-se de um lugar sombrio. Terry estava a ponto de beijá-la quando chegou um dos ajudantes de Johny trazendo um recado do chefe e pedindo que êle se apressasse.
Enquanto o homem se afastava, Edie perguntou intrigada:
— Quem era êsse, Terry?
— Escute, Edie — começou o rapaz — não procure averiguar coisa alguma sôbre Joey. Seria perigoso para ti...
Houve, então, outra interrupção. Um homem chamado Glover parou um momento ao seu lado. Terry sentiu que êle era da polícia, que trabalhava para a Comissão do Crime. Havia reparado nêle quando estivera fazendo perguntas pelo cais. Dessa vez não perguntou nada. Trazia uma citação judicial em nome de Terence Malloy. Desejava falar com êle, Terry. O rapaz explodiu:
— Não vou ajudar a nenhum policia!
Repentinamente, Edie compreendeu tudo:
— Foi Johny Friendly quem matou Joey. Êle e teu irmão Charley... tu és cúmplice...
— Edie... — gruniu Terry — volte para o colégio e não te envolvas nesses assuntos...

SINDICATO



Terry criava pombas e quis mostrá-las à Edie.



Tommy mostrara ao primo o que pensava sôbre delatores!

Os olhos de Edie encheram-se dágua e ela se afastou correndo. Terry não gostou de vê-la sumindo rua abaixo. Depois olhou a citação judicial que tinha na mão, e quando levantou a vista percebeu que o auto se aproximava.

Terry tentou sorir para disfarçar o nervosismo que sentia naquêle momento, e disse em tom de desculpa:

— Ia procurá-lo agora mesmo, Johny.

— Mas antes preferiu fazer um rodeio até Chicago. Eu ordenei que vigiasses a reunião na igreja.

— Não aconteceu nada demais, Johny. Sòmente falou o Padre Barry.

Johny não modificou sua expressão aborrecida. E retrucou:

— Sòmente o Padre? Pois faz meia hora, um certo Kayo Dugan se apresentou diante da Comissão do Crime e falou o que sabia. Maldito delator, mas farei com que torçam seu pescoço. Precisamos calar Dugan, pois do contrário estaremos envolvidos em situações muito perigosas. Dispomos dos tipos mais inescrupulosos da cidade e chegou o momento de usá-los. E quanto a ti, já sabes para onde irás. De volta ao trabalho pesado para suar e aprender!

* * *

O trabalho era de fato pesado e não oferecia um instante de descanço. O grupo estava descarregando uísque irlandês de um barco de carga. Pop Doyle e Kayo Dugan trocavam idéias sôbre o carregamento. Terry observava os dois principalmente a Dugan que acreditou não ficar muito contente ao saber que Johny estava inteirado de seu ato delator.

O velho ex-pugilista vestia um traje que pertencera a Joey. Um presente de Pop.

Terry continuou olhando, interessado nos homens que carregavam agora as rêdes com caixões de uísque. Sabia que a ordem havia sido a e que o próprio Johny estava num ponto estratégico, apreciando a manobras. Specs pessoalmente manejava a grua no lugar do homem que comumente desempenhava aquela função.

Terry aproximou-se de Dugan e murmurou:

— Escuta...

Dugan olhou-o com desprêzo. Depois falou:

— Já que está aqui para vigiar que não se perca nada do precioso carregamento do amigo Johny. — E voltou-lhe as costas num gesto brusco e decidido.

Carregada com as pesadas caixas de uísque a rêde começou a elevar-se. Bamboleou logo acima e precipitou-se para o ciclo em que sé encontrava o homem marcado. Terry conteve a respiração. Aconteceu o que êle esperava. Poderia descrevê-lo fielmente. Specs simulou haver perdido o contrôle da grua e a rêde, com sua pesada carga veio abaixo. Antes que Terry pudesse pensar em empurrar Dugan já era tarde. O velho desapareceu por entre ruídos de caixas e garôtas que se quebravam.

Alguém gritou logo:

— Chamem um médico!

Pop, com voz inexpressiva, corrigiu:

— Chamem um sacerdote.

Alguém foi em busca do Padre Barry. O que aconteceu depois da chegada do sacerdote foi difícil de descrever. — O Padre havia convencido a Dugan que falasse e agora, parado junto ao seu cadáver, sentia necessidade de dizer ainda mais sôbre Dugan e Joey Doyle. Êle não acreditava na hipótese de um simples acidente.

— Existem os que pensam que a crucificação teve lugar sòmente no Calvário. — disse o sacerdote com dureza — Equivocam-se e todos aquêles que se calam sabendo o que aconteceu, são tão culpados como o legionário romano que atravessou com sua lança a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo para ver se êle estava morto».

Um dos homens exclamou:

— Volte para a sua Igreja, Padre.

— Está é minha igreja — replicou o Padre Barry — Cristo também está no cais e bem sabeis de que parte está. Êle vê aos pais de família preocupando-se por como pagar a casa. Vê quando vendem suas almas por um dia de trabalho. Que acreditais que êle sente, que lutou contra o mal, ao observar vosso silêncio?

Os guarda costas de Johny não aguentaram mais.

Ordenaram ao Padre que se calasse e se fôsse de uma vez, atirando-lhe depois frutas podres e garrafas de cerveja, vazias. Porém quando Sonny avançou para golpear o cura, Terry o derrubou com um golpe de direita. Enquanto isso acontecia, Johny observava calado tôda a cena.

* * *

Edie encontrou Terry nessa noite no alpendre de sua casa cuidando das pombas. A moça trazia o casaco de Joey que Dugan não voltaria a usar e que Jimmy Sullivan lhe trouxera.

— Teu casaco está rôto... — disse, então, com timidez.

— Eu sei. Não tenho ninguém que possa remendá-lo.

Edie olhava-o de modo significativo e êle envolveu-a nos seus braços e beijou-a com violência e paixão reprimidas. Ao longe escutou-se

Terry foi desprezado...



...pelos antigos amigos...



e só restava eliminar Johny!



DE LADRÕES



Terry sabia que era um homem marcado. Johny e seu bando não o perdoariam nunca haver falado à Comissão e delatado os crimes do pôrto.

a sirene de um barcô, enquanto êles se abraçavam desesperadamente.

Depois da hora que passou com Edie, Terry não pôde suportar mais seus remorsos. No dia seguinte foi visitar o Padre Barry e confessou que êle havia mandado Joey Doyle para a morte.

— Eu não sabia que êsses pistoleiros iam matá-lo. Fiz tudo como um favor para Charley. Ontem a noite quis confessar tudo a Edie, porém temi perdê-la para sempre. Eu sei que não posso continuar beijando-a e mentindo ao mesmo tempo. Eu a quero... eu a amo, Padre...

— Muito terás que fazer para merecê-la.

Quando Terry regresou do confessionário, o Padre estava esperando. Outra vez surgiu nêle o homem de combate:

— Que pensas fazer? Sei que recebeste uma citação judicial.

— Se falo, minha vida não valerá um centavo. Não é que tenha mêdo, porém é meu próprio irmão a quem me pedem delatar e a Johny. Sua mãe e a minha eram primas.

— Porém há outros irmãos que se vê maltratados, enquanto Johny... — O Padre titubeou — Não te vou dizer o que tens de fazer. É tua própria consciência que mostrará o caminho a seguir.

— Minha consciência — repetiu Terry. — Não sabia que tinha uma até que o encontrei e a Edie.

— Tudo depende de ti, Terry. Boa sorte!

Mais tarde, Terry encontrou-se com Edie perto de um velho cais semi-queimado e confessou-lhe tudo. Quis explicar sua parte na morte de Joey. Quis que ela compreendesse que não sabia que iam matá-lo, porém percebeu logo o desespêro e o horror nos olhos dela. A moça afastou-se dêle e começou a correr. Terry corria atrás, gritando histérico:

— Não compreendes que eu não sabia o que iam fazer e que não sei o que fazer nesse momento? Edie, Juro por Deus. Edie que devo fazer?

Quando regressou a casa, a alma de Terry estava pesada de amargura. Chegou a perguntar ao seu primo menor o que deveria fazer.

Tommy, o primo, acreditou que êle estivesse brincando e Terry achou melhor não seguir com o assunto. Um pouco mais tarde apareceu Glover, o investigador da Comissão. Começou a conversar com êle, fazendo várias perguntas inocentes e entre elas:

— Não te vi há alguns anos lutar duro no Garden com um tipo chamado Wilson?

Wilson. A recordação voltou violenta e amarga.

— Sim. Lutei com êle.

— Acreditei, então, que ganharias a luta. Sigo acreditando que poderias derrotá-lo.

Terry concordou com a cabeça.

— Se eu tivesse ganho naquela noite, lutaria depois pelo título. Era a minha grande noite, porém Johny e meu irmão decidiram o contrário. Isto não é para que o publique. Recorda-se do primeiro round quando o encurralei contra as cordas? E me venderam por uma miserável aposta!

Glover levantou-se.

— Eu vou indo...

— Um momento — exclamou Terry — Vou caminhar alguns quarteirões com você.

* * *

Como poderia êle suspeitar que os rapazes vigiavam-no de perto. Como ia saber que já se haviam reunido em tribunal para julgá-lo! A única coisa que Terry ficou sabendo foi que Charley o chamou e convidou-o para irem juntos ao Garden. Porém uma vez dentro do táxi se dirigiram para River Street. Charley disse que tinha que cobrar uma aposta naquele lugar.

— Dizem que recebeste uma citação judicial — falou Charley com cuidado. — Os rapazes te conhecem demasiado para acreditar-te um delator, porém sentem algum interêsse pelo teu futuro. Sabem que te deixaram um pouco de lado e que agora chegas aos trinta. Não é assim, campeão? Não tens ambição?

— Sempre pensei que se poderia viver mais anos sem ela — replicou Terry.

E os dois começaram a discutir com alguma violência, Terry acusando Charley de haver desvirtuado sua vida, afastando-o do ringue. Para abrandá-lo, Charley fêz a grande revelação:

— Temos um bom lugar para ti, capataz de carga, podendo ganhar de trezentos a quatrocentos dólares por semana. Sei que não farás nada e não dirás nada. Não é assim, rapaz?

— Não sei... ainda não decidi...

Charley estava perdendo a calma outra vez e advertiu o irmão enquanto o carro avançava:

— Decide-te antes que cheguemos aos 437 de River Street.

Terry alarmou-se visivelmente ao ouvir aquêle número. A coisa devia ser grave para que contratassem Gerry G.

— Não serás capaz, Charley!

— Não quero fazer-te mal, rapaz. Aceite o pôsto de capataz.

Nesse instante Charley apontava sua arma para o irmão e Terry desesperou-se de vê-lo tão odiento sem poder reagir.

Terry lamentou-se dos anos perdidos e jogou tôda culpa em Charley. Aquilo pareceu comovê-lo e êle disse com voz ríspida:

— Arranjarei uma mentira para cobrir a tua fuga... mas agora salta e corre.

Terry saltou. Tomou o primeiro caminhão que passou e em pouco tempo se viu longe do maldito 437 de River Street.

* * *

Perto de meia-noite, atreveu-se a aproximar-se da casa de Edie e bater na porta. A moça mandou-o embora dizendo àsperamente que não desejava vê-lo, porém Terry rompeu a fechadura e entrou.

— Tive que fazer isso, Edie... preciso falar contigo. Edie... escuta-me, necessito que me acredites. Desejo ajudar-te, porém não quero prejudicar a Charley.

Edie não se conformava e mandou-o embora mais uma vez. Foi nesse momento que uma vez, desde a rua envolta pela neblina, gritou: «Terry. Charley te espera. Vem vê-lo.»

Edie começou a soluçar. Ela pressentia o perigo:

— Não vás, Terry...

— Porém é Charley que precisa de mim... Devo ir...

Saiu da habitação e começou a caminhar. Estava recorrendo naquele instante a Joey Doyle.

A rua estava deserta. Ondas de neblina vinham do rio. Terry continuou avançando, procurando Charley e foi quando percebeu que alguém vinha correndo atrás. Quando se voltou, viu que era Edie. Parou e a jovem atirou-se em seus braços.

Êle gritou pelo nome do irmão e de algum lugar, oculto pela neblina, a mesma voz que o havia chamado antes, disse: «Queres ver Charley? Aqui está». Olhando através da neblina, Terry e Edie viram a figura recostada contra o poste de um farol na esquina. Correram e Terry perguntou:

— Estás a minha procura, Charley?

E quando mexeu no braço do irmão, a figura caiu para adiante. Charley estava morto. Johny Friendly vingara-se dêle matando Charley, isso estava claro. Edie sugeriu que fôssem embora logo, porém Terry estava cheio de fúria e de ódio e não se conformava com o assassinato covarde do irmão.

— É melhor que não me sigas, Edie...

Terry afastou-se, porém a pequena seguiu-o de perto e viu quando êle golpeou o vidro de uma vitrina para alcançar uma pistola 45 e com êsse gesto dera um talho na mão. Edie pediu mais uma vez que êle desistisse de seus propósitos, porém foi inútil.

* * *

Quando entrou na cantina de Johny, vários dos rapazes estavam assistindo a televisão. Olharam-no em silêncio quando êle perguntou a Joko, o cantineiro, se Johny encontrava-se ali. Suspeitando de que Joko não dissera a verdade, abriu a porta e encontrou a peça vazia. Voltou e se apoiou na barra, olhando para a entrada. Joko, ao ver sua manga empapada de sangue, perguntou:

— Que foi isso rapaz? É melhor que te vás para casa.

— Não pedi conselhos. Dê-me um uísque.

Joko serviu o uísque de mau humor. O ambiente era de pura tensão, porém ninguém se atrevia a enfrentar Terry. De repente escutaram-se passos. Terry levantou a pistola, pronto para disparar, porém era o Padre Barry quem chegava acompanhado por Moose, Jimmy, Lake e Edie.

— Vim aqui para falar contigo, Terry.

— Que deseja, Padre?

— Tua arma — disse o sacerdote com firmeza.

Como Terry continuasse se recusando a entregar-lhe a arma, Padre Barry entrou em ação e golpeou-o rápido e bem, jogando-o ao chão. Êste se levantou de imediato, porém Moose e os outros impediram sua reação.

— Queres demonstrar teu valor? — perguntou com tranqüilidade o Padre Barry — Queres cobrar de Johny o que êle fêz com Charley e com uma dezena de homens muito melhores do que tu, meu filho? Não lutes, então, como uma fera na selva. Acabariam por matar-te e dizer que foi em defesa própria. Luta contra êle nos tribunais, com a verdade que tu sabes. Essa é uma arma mais perigosa do que esta». — e estendendo a mão tirou a pistola do bôlso de Terry. — Isto nada resolverá, meu filho: — e devolveu-lhe a arma.

(Cont. na pág 42)





Ao passar por Johny êste ameaçou-o de morte! Johny não tinha mêdo agora que estava ao lado da lei. Terry era corajoso e não abandonou os seus planos de exterminar a quadrilha tôda.



WENDELL COREY QUIS SER ADVOGADO E ACABOU NA BROADWAY ONDE FOI DESCOBERTO POR HOLLYWOOD!

WENDELL COREY figura entre os astros mais versáteis de Hollywood. Os seus inúmeros desempenhos artísticos sempre o levaram a viver várias figuras na tela, variando nos papéis de galã romântico, de **gangster,** de detective, de ás da Polícia Montada, de aviador, etc. Por trás dessa versatilidade cinematográfica vamos encontrar uma vasta experiência e capacidade adquiridas primeiramente quando êle trabalhava em pequenos teatros do interior e mais tarde, com grande sucesso, na Broadway, onde atingiu o auge da sua carreira teatral desempenhando o papel de um jornalista cínico na peça «Dream Girl», ao lado de Betty Field. Foi aí que o produtor Hal Wallis o «descobriu» e o levou para a Capital do Cinema.

Wendell Corey é filho de um pastor protestante, do falecido Rev. Milton R. Corey. Dotado de grande eloqüência, Corey pensou, a princípio, em estudar leis e tornar-se advogado. Sua progenitora desejava, entretanto, que êle seguisse as pegadas do pai, isto é, que devotasse a sua vida à igreja. O teatro veio a ser a sua decisão quando foi convencido por um amigo a aceitar um pequeno papel numa companhia de amadores denominada «Springfield Repertory Players». Corey permaneceu com essa companhia durante um ano, obtendo, a medida que o tempo passava,

ENTRE A IGREJA E O CINEMA





melhores papéis. Para se manter, êle durante o dia vendia máquinas de lavar roupa e refrigeradores e, à noite, atuava na ribalta. Um ano de experiência foi o suficiente para que êle se tornasse profissional e estivesse pronto para enfrentar o público da cidade de Holyoke, em Mass.

Depois disso juntou-se ao famoso grupo de Red Barns no «Federal Theatre» excursionando por diversas cidades norte-americanas. Foi nesse grupo que êle conheceu a jovem Alice Wiley — recém-graduada na Universidade de Holyoke e que aspirava uma carreira teatral — que

(Cont. na página 42)





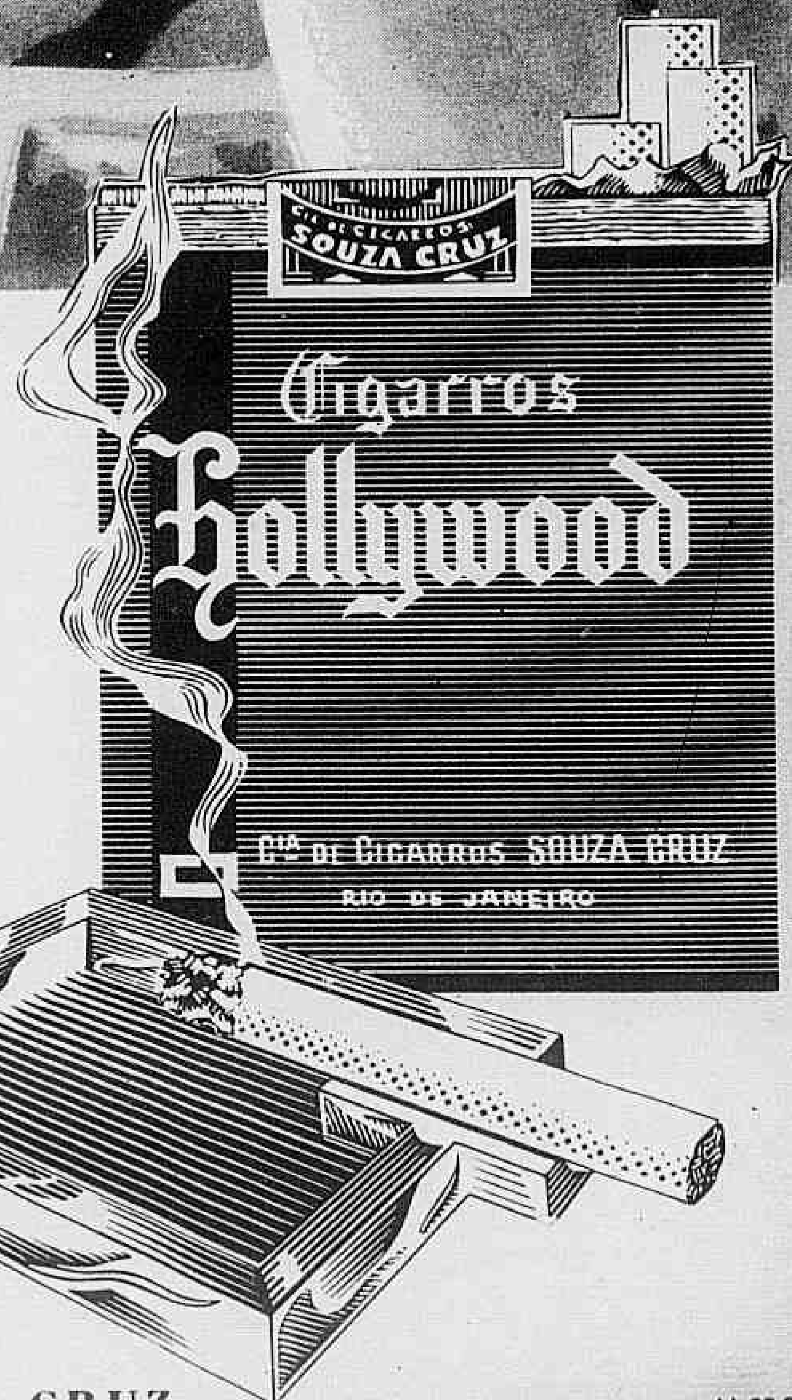
- *Tem razão...*

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287

Cine PASSATEMPO



Otaner-Rio

PROBLEMA N.º 6

Horizontais — 1 — A retratada dêste problema, "estrêla" de "Tormênto sôbre os mares"; 10 — Lavrai; 11 — ... Gelin, o "astro" de "Romance proibido"; 12 — ... Heflin, do filme "Não desonres teu sangue"; 13 — ... Arnova, a "estrêla" de "Totó Tarzan"; 14 — Brisa; 15 — ... Peters, do elenco de "Fonte dos desejos"; 17 — Em partes iguais; 18 — Sufixo designativo de naturalidade; 19 — Basta!; 20 — Dois mil; 21 — Pronome pessoal; 22 — Três zeros; 23 — Em a; 24 — Símbolo do rutênio; 25 — Ali; 26 — Símbolo do estanho; 27 — ... Clouzot, a "estrêla" de "O salário do mêdo"; 30 — ... H Sawyer, do "cast" de "Montanhas ardentes"; 31 — Antes de Cristo; 32 — Joel Mc..., o "astro" de "A bala perdida"; 33 — Aspecto; 34 — Marga ..., a "estrêla" de "A mentira"; 35 — Abrev. de réis.

Verticais — 1 — Ama-sêca; 2 — Época; 3 — Nome da "estrêla" de "Meu amor brasileiro"; 4 — Artista do "cast" de "Aí vem o general"; 5 — Concede; 6 — Nome de mulher; 7 — Escarneciam; 8 — A "Dançarina infernal"; 9 — Nome da "estrêla" de "Esquina da ilusão"; 11 — Quinhentos e cinqüenta; 15 — Glynis ..., do elenco de "As voltas com três mulheres"; 16 — ... Parker, a "estrêla" de "Chaga de fogo"; 20 — Lina ..., a principal intérprete de "A dama das camélias"; 28 — Reflexo do som; 29 — Unidade das medidas agrárias; 30 — Agora.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 5

Horizontais — Robert — Wagner — Errol — Lisa — Bette — cá — ema — ah — Sullivan — Laurie — vero — Maurício — ir — Silvana — ai.

Verticais — oa — B.G. — ré — Webb — nó — Rossano — Rita — lá — lê — Steve — Cl — Alec — Maria — alma — Haas — Ur — vi — ui — IV — oa — ri.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

Loção XAMBÚ

DÁ BELEZA E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.......................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.....................

ESTADO.....................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ALBERTO SIMOENS BELLO

FILMES EM REVISTA

«A MENTIRA»

(La Mentira) — Pelmex.

A união dos nomes de Jorge Mistral e Marga Lopez poderia ter sido feita num filme de melhor nível e manejada por um diretor mais seguro, não numa coisa sem côr como essa «Mentira», autêntica mentira cinematográfica, pois que de cinema nada tem, não passando de uma novelona para solteironas ávidas de emoções sentimentalóides. Jorge Mistral atua com desenvoltura, mas sabe-se bonitão e faz pose, tal como uma Maria Felix masculina e Marga Lopez, atriz sensível, está um tanto deslocada. No resto do elenco, como sempre, Soto Rangel e, para não quebrar a tradição, um Soler, o Domingo, autêntico feriado em matéria de representar... J. J. Ortega assinou o filme que diz ter dirigido. — Cotação: Regular.

«SANGUE EM ANDALUCIA»

(Carne de Horca) — Livio Bruni Filmes.

Desde o início até o fim esta co-produção ítalo-espanhola deixa o público na expectativa e afinal nada acontece que chegue ao íntimo, pois que os atôres não transmitem o drama interno, ficando apenas na exteriorização, nos gestos e num diálogo interminável e com tiradas humanísticas, tão ao gôsto do cinema espanhol. Rossano Brazzi, homem de capacidade de trabalho, mas ator de recursos limitados é, assim mesmo, o melhor do elenco, seguido por Emma Penella, bonita, apenas. Fosco Giachetti e outros, em personagens secundários. Dirigiu Ladislau Vadja. — Cotação: Regular.

«O JARDIM DO PECADO»

(Garden of Evil) — Fox

Primeira experiência de Henry Hathaway com o moderno método de CinemaScope, o que lhe deve ter preocupado muitíssimo, pois que não imprimiu a fôrça que sente em suas outras realizações! Embora não seja uma obra significativa em sua carreira diretorial, «Jardim do Pecado» salva-se pelas boas interpretações e pelo inteligente aproveitamento do «decor». Chega-se ao final e têm-se a impressão de que tudo aquilo já foi visto e revisto desde os tempos do cinema silencioso. Gary Cooper Susan Hayward e Richard Widmark centralizam a atenção, Cameron Mitchell marca, inteligentemente o seu personagem, enquanto que Victor Manuel Mendoza tem no cinema americano a sua primeira chance. Rita Moreno apenas canta duas canções e dá-nos ganas de fazer fiu-fiu... Bonita fotografia de Milton Krasner e Jorge Stahl Jr., que souberam aproveitar as belas paisagens do México, sem figueroismos. — Cotação: Aceitável.

«CORAÇAO DE MULHER»

(Un Marito per Anna Gaccheo) — França Filmes

Uma história de fortes contrastes e manejada com a habilidade do diretor Giuseppe De Santis, que mais uma vez une seu nome ao do cenarista Zavattini, com a cooperação de Petri-Laurenti e Gianetti, que contornaram a histótia e a adaptaram para os recursos dramáticos e plásticos de Silvanna Pampanini, cuja presença no Rio coincidiu com o lançamento dêste seu filme, que nada de extraordinário é, mas que agrada. Massimo Girotti e Amedeo Nazzari são os seus galãs. Umberto Spadaro e outros em atuações bem delineadas. Faltou ao filme uma mais cuidada concatenação dos valores técnicos. — Cotação: Aceitável.

«JORNADA SANGRENTA»

(Column South) — Universal-International

Um dos muitos «westerns» produzidos pela Universal com os personagens rotineiros e com as variantes de sempre. Audie Murphy, bonitote e desenvolto, contracena com Joan Evans, que havia tido uma carreira promissora, mas que termina assim em heroína de «mocinho». Robert Sterling, Ray Collins, Palmer Lee e outros, formam o elenco dirigido por Frederick De Cordova. — Cotação: Regular.

«FILHOS ESQUECIDOS»

(Just For You) — Paramount.

«Agua com açúcar» temperada com canções de Bing Crosby e com a versatilidade de Jane Wyman e com a presença da sempre igual Ethel Barrymore, simpática matrona que sabe usar chapéus super ridículos. Bing Crosby é um produtor da Broadway que enfrenta os problemas do lar e o que de bom havia no argumento para ser aproveitado ficou apenas pressentido pela direção claudicante de Elliot Nugent. Para os fãs de Crosby e de Jane Wyman, que se lembram do seu início no cinema, pode agradar. — Cotação: Regular.

«O AMOR RESOLVE TUDO»

(It Happens Every Thurday) — Universal

Não fôsse a presença de Loretta Young e do bom ator John Forsythe, esta comediazinha de costumes ficaria entre as coisas mais insossas da Universal. Uma ou outra cena nos desperta um sorriso. Edgar Buchanan, Regis Toomey, Palmer Lee e as veteranas Jane Darwell e Gladys George comparecem, sendo que esta última, recentemente falecida têm no filme uma de suas últimas atuações. Joseph Pevney dirigiu essa «coisinha» produzida por Leonard Goldstein, homem que sabia serem seus filmes para um público menos exigente. — Cotação: Regular.

«A TABERNA DOS PROSCRITOS»

(Broder River) — Universal.

Três bons elementos formam o «cast» desta fita: Joel McCrea, Yvonne De Carlo e Pedro Armendariz. Elementos superiores ao argumento que pretende ser histórico, mas que não passa de um «western» disfarçado e mal disfarçado pela direção de George Sherman, pau para tôda obra dentro da «Universal», que nos faz lastimas que aquêles atores não tenham tido melhor sorte. — Cotação: Regular.

«VINGANÇA TERRÍVEL»

(The Raid) — Fox.

Não fôsse a direção segura de Hugo Fregonese êsse filme seria um desfilar de situações repetidas, aqui valorizadas por uma maestria do diretor argentino de Hollywood, ajudado por Van Heflin, ator bom e expresivo, seguido por um elenco de gente discreta, onde Anne Bancroft dá a nota feminina. O garôto Tommy Rettig comparece para nos dar um momentinho de ternura, vivendo o filho da viúva, interpretada por Ann, que se sente «cortada» no seu papel. Bonita foto em Tecnicolor de Lucien Ballard e música expressiva de Roy Webb. Enfim, no meio de tanta coisa comum, êsse filme é o melhor da semana carnavalesca, embora não seja nada de superior. — Cotação: Aceitável.

«MOMENTO DE DESESPÊRO»

(Desperate Moment) — Universal-International.

Uma produção de J. Arthur Rank e com a sobriedade clássica dos inglêses, que até quando fazem abacaxis sabem-no fazer com aquela negligência londrina. Isso não quer dizer que «Momento de Desespêro» seja um filme ruim Não, pelo contrário, constitui até certo ponto um bom filme. Há bons momentos, tal como a cena em que o par amoroso se encontra no velho teatro em ruinas, diante de um relógio arrebentado que não marca mais as horas, numa bonita sugestão de saudade e melancolia. May Zetterling, de fina sensibilidade é a mulher que acredita no homem que ama e por êle se sacrifica. Dick Bogarde em outra de suas fortes criações, mostra que é um ator de fibra e não está longe o dia em que Hollywood lembre-se de requisitá-lo para o seu mundinho... A direção de Compton Bennett fêz o que pôde e saiu-se bem, manejou com competência, (sem trocadilho...), atores plasmáveis, tais como Philip Freind, Albert Lieven, Frederick Wendhousen, Carl Jaffe e outros, mas nada fêz para tirar expressão de Simone Silva, que apenas mostra seu físico, o que já não é pouco... — Cotação: Bom.

«UMA ESTRÊLA CAIU DO CÉU»

(The Stars Are Singing) — Paramount.

Um dos eternos chavões musicais que já serviu para outras películas mais felizes que esta,

ALBERTO SIMOENS BELLO

FILMES EM REVISTA

onde vemos Anna Maria com ares de menina que está saturada do que está fazendo e cansada de saber-se menina prodígio, fàcilmente superada por Rosemary Clooney, esta sim, canta gostosamente. A história é uma pedra no meio do caminho para os números musicais. Lauritz Melchior canta música séria e faz umas coisas que ficam entre caretas e expressões lírico-dramáticas, fora de seu «habitat», a ópera. Rosemary é a dona do filme e quando canta domina o fã exigente. A direção de Norman Taurog é rotineira. O colorido agradável e os números musicais bem escolhidos. O que se pode exigir mais? — Cotação: Aceitável.

«ESTRANHA FASCINAÇÃO»

(Strange Fascination) — Columbia.

Dirigida, escrita e produzida por Hugh Haas, que fêz, ainda de sua patroa, Cleo Moore, a primeira atriz do filme, que, apesar de linda e provocante, foi fàcilmente superada por Mona Barrie, atriz de recursos e esquecida por Hollywood. A história é interessante e está discretamente aproveitada. Hugh Haas ator é outro ponto discutível, mas salva-se pela sobriedade. Hugh Hass como diretor ainda não se superou do trabalho apresentado em «Eco do Pecado», (Pick-up). Hugh Hass como produtor é uma prova incontestável de que se pode fazer cinema com orçamentos moderados, o que é uma coisa que Hollywood não ignora, mas faz que não sabe... Boa fotografia e discreta partitura musical dão classe a êsse filme. — Cotação: Aceitável.

«A FERA DE FORTE BRAVO»

(Escape From Fort Bravo) — M. G. M.

Trata-se, simplesmente, de um «western» interpretado por excelentes atores em pleno domínio de suas faculdades artísticas. Um autêntico ator, Wlliam Holden, que só pelo seu talento se salva do ridículo de interpretar um «mocinho» do oeste às voltas com índios e cavaladas, com veleidades de touro Ferdinando... Uma atriz de raça, Eleanor Parker, bela e elegante, vive uma mulher com domínio próprio e ousada. William Demarest, no velho prisioneiro, é o ponto alto entre os atores secundários. Das últimas apresentações da Metro essa foi a película que mais agradou e pode ser vista e apreciada, pois John Sturges deu-lhe um ritmo adequado e até procurou ser poético, o que ficou apenas na busca. Faltou-lhe o poderio de Ford, de um Stevens ou a impetuosidade de um Huston. — Cotação: Bom.

«FEITIÇO TRAGICO»

(Incantesimo Tragico) — Suevia Filmes-Livio Bruni.

Para fazer semelhante filme a bela Maria Felix não precisava sair do México. Lá mesmo ela faria coisa igual ou pior, questão de procurar gente com audácia de fazer coisa híbrida. Excluímos do filme a beleza de Maria Felix, nem sempre bem fotografada. Ela está pior do que nunca como atriz. Rossano Brazzi, supera-se como canastrão. Charles Vanel quase irreconhecível. Massimo Serato sem a oportunidade que merecia. A narração do filme está pesadamente dirigida por Mário Sequi. A fotografia e a música são pretenciosas e todo o filme não vale o sacrifício de ir ao cinema. Só sendo um perfeito fã de Maria Felix. — Cotação: Fraco.

PEQUENA HISTÓRIA DO CINEMA

DÉCIMO QUINTO CAPÍTULO

EDISON, por reconhecimento geral, ficou com a prioridade das contribuições mais importantes ao desenvolvimento do cinematógrafo. Com a função, em 1910, da General Filme, ficou estabelecido o monopólio que controlava tôda a distribuição nos Estados Unidos. Outro «trust» formado pela Eastman Kodak, cobrava pela utilização de suas películas dois dólares por semana e também por cada aparelho de projeção utilizado. Nota-se assim que o cinematógrafo começava realmente a interessar como negócio. Atualmente existe uma impressão acentuada de que êle só interessa mesmo como negócio e raros são os estúdios que produzem filmes puramente artísticos. A produção está inteiramente voltada para o gôsto do público e isso decorre em virtude do cinema ser uma indústria caríssima e de lucros oscilantes.

Com o estabelecimento da luta pelo contrôle das patentes a situação era: «edisionistas» de um lado e «independentes» de outro, com interêsses diversos, êstes últimos combatendo abertamente o monopólio. Foi quando se temeu que leis fôssem feitas para exterminar aquêle alto contrôle e os grupos dominantes tentaram demonstrar na aparência, apenas, que o «trust» não existia. Apesar disso, a luta continuou aberta. Não é exagêro o que disse certo historiador do cinema: «Nessa época filmava-se de revólver na mão»!

William Fox, um pioneiro da época, sofreu bastante com êsse estado de coisas e vivia perdendo sua gente para os concorrentes, sem saber como pôr fim a tão difícil questão. Mas, como Fox usava o filme com métodos imorais, sua licença foi cassada. Quando se conta hoje o que foi êsse período negro do cinematógrafo, muita gente poderá não acreditar que fazer filmes, então, era «arriscar a pele». Para fugir a ação dos «inimigos», os «independentes» fundaram suas bases em Los Angeles, vizinho do México e assim estavam à salvo das perseguições maiores e quase impossíveis de evitar.

(Cont. no próximo número)



Não sou egoista Desejo que tôdas sejam felizes como eu Por isto ensino-lhes o segrêdo de minha felicidade: - tomo logo que me sinto mal 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — fórmula que dá saúde, fazendo mulheres felizes e belas.



ELIXIR DAS DAMAS

Indicado nas dismenorréas

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



EXCELENTE BAR

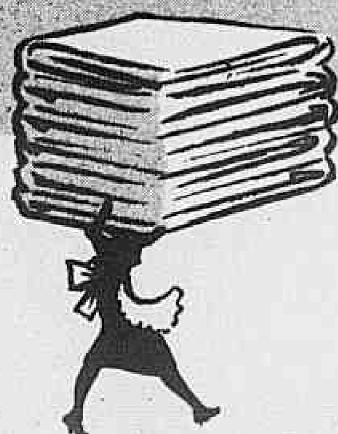


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

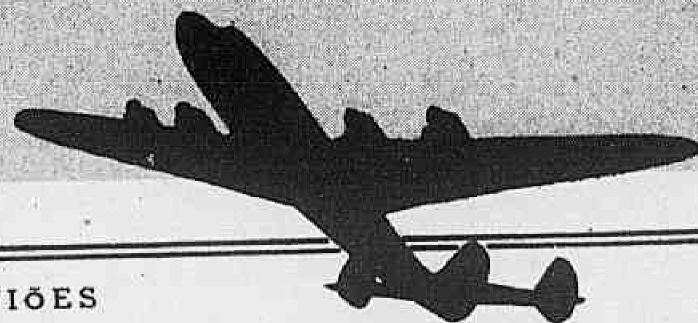




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

JEFF OBTÉM ÊXITO GRAVANDO SUAS PRÓPRIAS MÚSICAS



Depois de um rápido lanche, Jeff entra finalmente no estúdio e a gravação tem início, sob a supervisão do diretor artístico que se encontra sentado fora, ao lado do técnico-operador. Orquestra pronta, microfones perfeitamente colocados e a voz grave, máscula e bonita de Jeff começa a ser gravada na fita magnética.

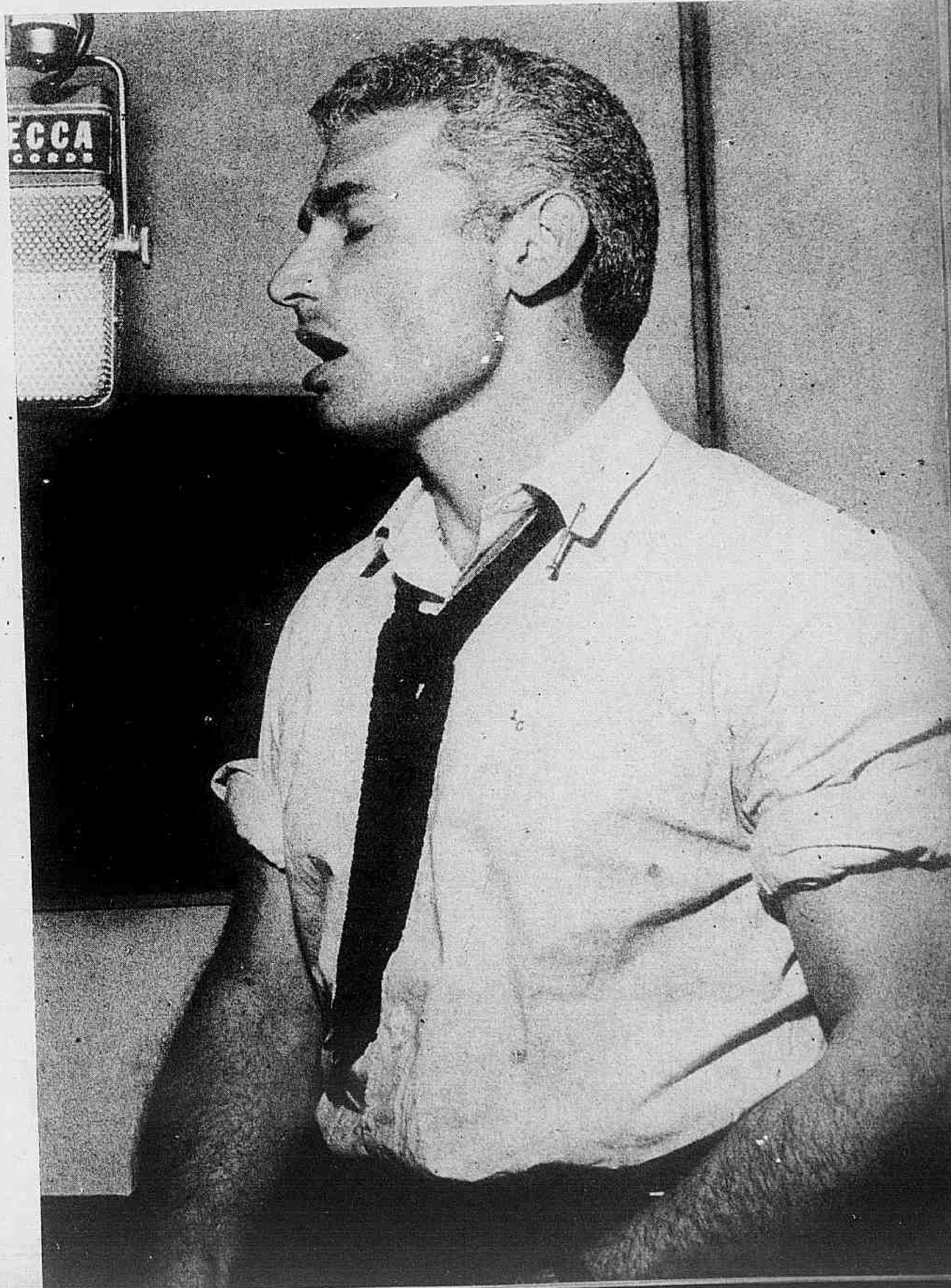
JAMAIS a música, (e conseqüentemente o disco), estêve tão unido ao cinema como atualmente. Comum era o aproveitamento de cantores, orquestras ou músicos, em filmes, mas, hoje, inúmeros astros famosos de Hollywood voltam seus olhos para as companhias gravadoras, como foi recentemente o caso de Jeff Chandler. O grisalho, embora moço, artista da U-I gravou seu primeiro disco para a etiquêta Decca, com a qual assinou um longo contrato de exclusividade, e para admiração geral, seu estilo e voz justificam plenamente o êxito que vem obtendo, comprovando ser Jeff, possuidor de qualidades que o colocam à altura de muitos nomes famosos da música americana. Embora as duas músicas, contidas em sua primeira gravação, sejam belíssimas, nos chamou atenção, mais particularmente, uma das faces que tem o título de «That's All She's Waiting To Hear» por ser o seu autor o próprio Jeff Chandler, em parceria com William Lava.

Recebemos dos «States» as fotografias que ilustram esta página nas quais vocês poderão ver o romântico Jeff cantando «Tudo que ela deseja ouvir», o título de sua música. Na outra face dêste disco, está «Lamlight», a história simples de um rapaz, e uma garôta, cujo romance tem como testemunha muda... um lampião. Romântico, não é?



Algumas horas antes de se iniciar a gravação, Jeff ensaia mais uma vez ao piano com Sonny Burke, o responsável pelos arranjos das músicas que Jeff irá gravar. Tonalidade, interpretação, enfim tudo terá que estar muito certinho antes de entrarem no estúdio.

JEFF CHANDLER, AGORA, TAMBEM, CANTOR



Com os olhos fechado, em romântica e profunda concentração, Jeff atinge uma das partes que mais sentimento exige de sua interpretação. Hoje, milhões de sonhadoras mocinhas americanas ouvem deliciadas êle dizer «tudo que elas querem ouvir».

ELA ADORA COPACABANA

(Cont. da pág. 42)

— Se houver convites depois das férias, claro que eu farei filmes no Brasil. No momento, pretendo apenas descançar...

Copacabana será daqui por diante o meu refúgio predileto....

Antes da despedida, Laura confessou que esperava com ansiedade o carnaval carioca. Tem planos para se divertir muito e quando partir levará um mundo de saudades no coração. Mas, espera voltar todos os anos (e quem sabe?) talvez volte um dia para ficar:

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de « Artes e Modas », curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... **Nº** ....

CIDADE .... **ESTADO** ...

SINDICATO DE LADRÕES

(Cont. da pág. 42)

Pouco a pouco os punhos de seus adversários foram encurralando o herói. Terry sentiu os primeiros golpes rudes e mais outros, outros mais, até cair de joelhos. Sentiu que estava sendo pisoteado. Deixaram-no estendido no solo. Vitoriosos, Johny e seus pistoleiros passaram diante dos estivadores que os olhavam em silêncio.

* * *

Terry recuperou lentamente a consciência. Um grupo considerável de homens entusiasmados estava em redor dêle. Uns diziam que Pop, arrastado pelo entusiasmo, havia arrojado Johnny à água de onde fôra pescado e seguira prêso.

Jimmy, Moose e Luke trataram de ver se Terry precisava de alguma coisa:

— Estou um pouco golpeado, nada mais. — disse Terry tentando sorir mesmo com os lábios destroçados.

Todos ajudaram para que êle se recuperasse logo.

Moose estava muito contente e afirmava a todo momento:

— O Sindicato local voltará às nossas mãos.

Jimmy ofereceu trabalho para Terry que aceitou logo. Depois chegou Edie muito aflita e foi perguntando:

— Terry, estás muito ferido?

— Só alguns arranhões, mas sobreviverei.

E explicou que precisava ir andando, pois tinha trabalho naquele dia e estava contente em voltar ao convívio de sua gente e ser compreendido pelos homens que eram seus companheiros de tanto tempo. Convidou-a para um passeio durante a noite. E saiu, acompanhado de quarenta outros estivadores. O Padre Barry aproximava-se e saudou-os com simpatia. Havia paz, agora, em todos os corações e muitas esperanças de uma vida mais decente no cais que seguia indiferente ao tempo e aos homens.

F I M

DISNEY E SUA MENSAGEM...

(Cont. da pág. 12)

Nas lides diárias costuma o homem se desesperar pelas lacunas de suas ambições contaminando-se de fúria selvagem, condenando-se interiormente pela absoluta impaciência.

Como nos ensina a Natureza, nessa película que deixa de ser um filme para ser uma verdadeira mensagem de altruísmo, de glória, de vigor e de reabilitação para a luta pela vida!

Das estranhas criaturas que partilham seu mundo conosco, nesse «O Drama do Deserto», parte um convite para encararmos os nossos problemas com a pureza de alma e caráter que, em tempos não longínquos, emanciparam o homem e o diferenciaram dos outros animais!

E por mais essa página de beleza, de vibração e exaltação, deve a humanidade um grande obséquio a Walt Disney que assim não só robustece a sua personalidade como um nome na cinematografia mundial, mas torna-se uma instituição humanitária, um elemento primordial por intermédio do qual as bênçãos dos céus ecoam por sôbre a humanidade!

ALL-STAR CAST

Está em moda agora, no cinema mundial o all-star cast, ou seja filmes em que só trabalham astros e estrêlas. Para o produtor isso é bom, pois sabe que tem bilheteria certa, uma vez que se só um nome de astro conhecido atrai multidões, o que não dizer de dezenas (sim, dezenas e não exageramos) de astros famosos.

Quem lançou a moda foi Cecil B. De Mille com suas super-produções. Bem, o que é certo é que se antigamente causava surprêsa um all-star cast, atualmente já é um fato corriqueiro.

Como já dissemos, para o produtor é bom quanto à bilheteria (apesar do dinheiro dispendido para contratar tantos astros de primeira grandeza). Para o público também é excelente, pois verá vários de seus favoritos de uma só vez. Cremos que só não é muito bom para os astros e estrêlas, por causa do estrelismo, do tamanho dos nomes nos cartazes e o lugar que êles ocupam, o que ocasiona inúmeras brigas entre os «estrelíssimos temperamentais».

Estamos falando, claro, dos filmes em que os astros de primeira grandeza trabalham realmente, e não nos filmes em que êles apenas aparecem como convidados, como acontece com vários musicais norte-americanos.

Citemos alguns exemplos dêstes filmes:

«O Maior Espetáculo da Terra», em que trabalharam Cornel Wilde, Betty Hutton, Dorothy Lamour, Charlton Heston, Glória Grahame, Lawrence Tierney, Lyle Bettger, e o grande astro James Stewart.

«Barco das Ilusões», com Ava Gardner, Howard Keel, Kathryn Grayson, Marge and Gower Champion, Agnes Moorehead e Joe E. Brown.

«História de Três Amôres», com Pier Angeli, Kirk Douglas, Leslie Caron, Farley Granger, Ethel Barrymore, James Mason, Moira Shearer e Agnes Moorehead.

«Júlio César», com Marlon Brando, John Gielgud, James Mason, Louis Calhern, Greer Garson, Debora Kehr e Edmond O'Brien.

«The Blue Veil», com Jane Wyman, Charles Laughton, Richard Carlson, Agnes Moorehead, Don Taylor, Audrey Totter, Cyril Cusack, Everett Sloane e Natalie Wood.

Os franceses e italianos também fizeram seus filmes all-star-cast e bateram os americanos em quantidade e qualidade. Vejamos:

«Conflito de Amor», com Serge Reggiani, Simone Simon, Daniel-Gélin, Simone Signoret, Fernand Gravey, Daniele Darrieux, Gerard-Philipe, Isa Miranda, Jean-Louis Barrauldt, Odette Joyeux e Anton Walbrook. Verdadeiramente notável, incomparável e esplêndido êste elenco.

«Os Sete Pecados Capitais», com Gerard Philipe, Viviane Romance, Frank Villard, Michele Morgan, Françoise Rosay, Jean Debucourt, Isa Miranda, Eduardo de Filippo, Paolo Stoppa, Andrée Debard, Henri Vidal, Claudine Dupuis, Noell-Noell e Jacqueline Plessis.

«Três Histórias Proibidas», com Eleonora Rossi-Drago, Frank Latimore, Antonella Lualdi, Gino Cervi, Lia Amanda, Isa Pola e Gabrielle Ferzetti.

Como vemos os franceses e italianos fizeram filmes all-star cast, com mais astros do que os americanos e isto sem contar inúmeros outros filmes que seria cansativo recordar.

O Cinema Nacional vendo isto quis competir também e depois de algumas produções só de astros como «O Petróleo é Nosso» e «Tôda Uma Vida Em 15 Minutos», eis que surge nosso maior all-star cast, no filme «Floradas na Serra», que conta com os nomes de Cacilda Becker, Jardel Filho, Ilka Soares, Miro Cerni, Sílvia Fernanda, John Herbert, Gilda Nery, Marina Freire, Lola Brah, Celia Helena e esta encantadora estrêla do Cinema Nacional que é Liana Duval.

(Do leitor CARLOS AQUINO, Salvador, Bahia)

PARA O ALBUM DO FÃ

FOTOS DO SEU CRAQUE E CLUBE FAVORITOS
ARTISTA DE RADIO OU DO CINEMA BRASILEIRO

TAMANHOS :
13 x 18 — Cr$ 15.00 ● 18 x 24 — Cr$ 30.00

Pedidos pelo Reembôlso Postal a Newton Viana:
Praça Floriano, 19 - 1º and., s/13 — Edifício Império — Cinelândia

Queira enviar-me pelo Reembôlso ...... **fotografia (s) de** ....

....
(Nome do jogador, clube ou artista)

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... **ESTADO** ....

RIBALTA

(Cont. da pág. 41)

to visado não chegou a ser atingido, pois ninguém compreendeu nada. O que não aconteceria, se a direção fôsse mais cuidadosa e fizesse a projeção numa tela grande, e armada logo na frente do palco, bem na bôca de cena, e, a exemplo de que há bem pouco tempo fêz a Dulcina, na sua peça: "Helena de Tróia", viesse um ator, ao palco e, com uma dicção clara e bem inflexionada, fôsse narrando o que estava sendo projetado. — (A.A.)

RIBALTA

ALEXANDRE ALENCASTRE

"SENHORITA BARBA AZUL" — COMÉDIA EM 3 ATOS DE GABOR DREGELY, NUMA TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE R. MAGALHÃES JÚNIOR — NO TEATRO DULCINA

Bibi Ferreira seguiu o mesmo sistema do Teatro musicado, que ùltimamente o título de suas revistas nada têm que ver com o entrecho das mesmas, e que são escolhidos apenas para efeito de reclame bem sugestivos e bem ao sabor popular e, na maioria das vêzes, aproveitando um "dito" feliz da gíria do momento, pois a peça "Senhorita Barba Azul" chamar-se-ia, com muito mais propriedade: "Amor de Poliglota", ou "Casamento, à quanto obrigas?!!..."

A comédia é comum, sem pretensões, pontilhada de "qui-pro-quós" simples, não passando de um divertimento, e, têm-se a impressão de que Bibi a escolheu apenas para mais uma oportunidade de satisfazer o seu grande prazer, e talvez, também sua "vaidadezinha"... de poliglota, e, o que ùltimamente vinha fazendo na televisão, aliás com brilhantismo, pois maneja várias línguas com facilidade, de maneira correta e corrente, com pronúncia perfeita, sendo mesmo uma "virtuose", e essa sua qualidade atinge ao máximo, no 2.º ato, numa cena em que se zanga ferozmente, e numa explosão de cólera, diz uma porção de desaforos em francês, e que entusiasmou e empolgou o público de tal maneira que êste irrompeu numa salva de palmas. Parabéns!


BIBI FERREIRA E HERVAL ROSSANO numa cena de «A Senhorita Barba Azul».

O seu trabalho, interpretando a pseudo francesinha Colette é perfeito, em todos os momentos, principalmente nas situações cômicas.

Herval Rossanò, no papel do escritor Érico Castilho, ainda tem muito à desejar, pois de galã possui apenas um bonito físico, faltando-lhe ainda maior desembaraço e poder de interpretação, atravessou a peça tôda muito acanhado sempre, não vibrando nas cenas de amor e de ciúme, faltando-lhe não sòmente prática, como também brilho e entusiasmo, e assim ao papel não deu o rendimento que devia dar.

Merece registro especial o trabalho de Alberto Perez no Bentinho, estouvado e jovial, muito divertido e sem exageros, vivendo com muita propriedade tôdas as situações cômicas, mesmo a da bebedeira. É um artista que dia à dia está progredindo e se impondo como ator cômico e excêntrico de maneira marcante. Parabéns.

Gilberto Martinho, infelizmente está muito falso e não convence no papel de homem casado que se mete em uma aventura, que se emaranha de tal maneira complicada que o pode comprometer sèriamente. Não soube dar a linha que o papel exigia, talvez o melhor papel da peça. Foi pena.

Cirene Tostes, no papel de Glória, a espôsa enganada, conduziu-se muito bem, dizendo sempre com muita clareza e correção, movimentando-se em cena com muita propriedade e naturalidade em tôdas as situações da peça, dando uma linha segura, exata e perfeita ao seu papel.

Gracinda Freire, estreando no profissionalismo, agradou muito no papel de Eva, a senhora casada que é amante do escritor, e fêz bem êsse estado de mêdo, ciúme e amor; e, o seu desmaio foi bem natural.

A sra. Wanda Marchetti, ainda muito bela e vistosa, não foi escolha acertada para o papel da estouvada Lulu, voluntariosa e cheia de caprichos, pois estamos vivendo a época deliciosa dos "brotinhos"... e não se compreende que dois rapazes, jovens e bem situados na vida, com apartamento próprio, etc., se sujeitem aos caprichos exagerados e extravagantes de uma "Balzaquiana", já em pleno outono da vida... a não ser que esta seja milionária e lhes proporcione uma esplêndida situação financeira, com bem estar e confôrto... e o que não é o caso presente.

Paulo Ribeiro, outro estreante, faz bem o criado José, marcando com graça a sua participação nos "casos" amorosos de seu patrão.

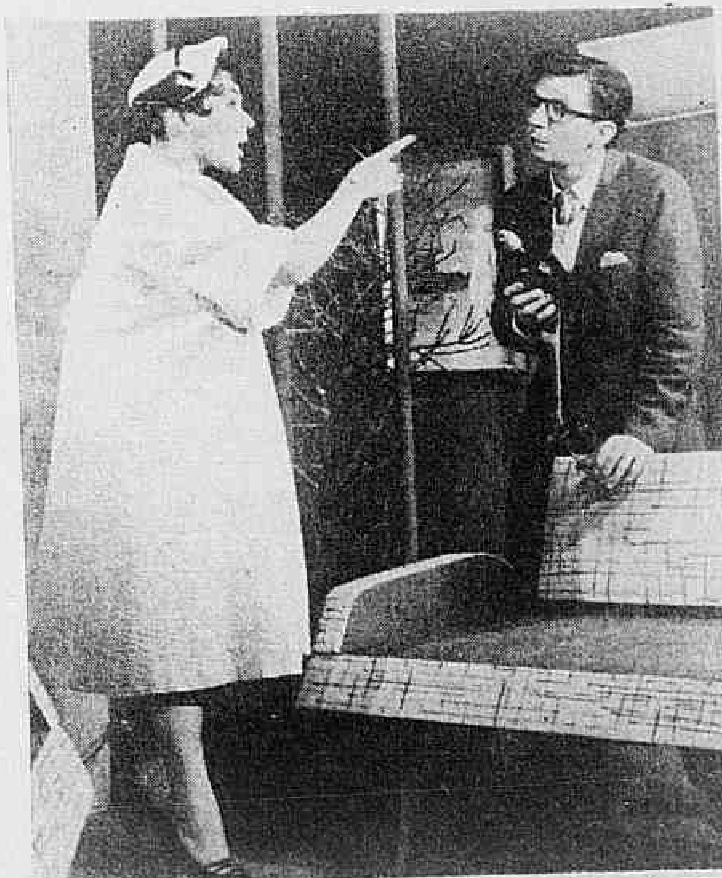
Sadi Cabral, embora num papel-pontinha no sr. Hugo Lassance, o sogro, está bem natural e discreto. E teve também a seu cargo a responsabilidade da direção do espetáculo, saindo-se a contento, movimentando bem e com propriedade os artistas, dando vida e relêvo as diversas situações, acho porém que se esforçasse um pouco mais teria conseguido melhor rendimento.

Os cenários de Harry Colé são muito bons, principalmente o do 3.º ato que é moderníssimo, de muito gôsto e efeito.

O começar um espetáculo teatral com uma projeção cinematográfica não é novidade; pois já foi feito há muitos anos numa revista de Monte Ablas, chamada "A Grande Fita" e depois, há uns três ou quatro anos atrás por Walter Pinto, na revista: "Nem te Ligo", numa espécie de "avant-prólogo", e que foi obrigado à suprimir logo nas primeiras representações por não atingir o efeito desejado.

Bibi Ferreira, pensando trazer algo novo, ou mesmo querendo dar um cunho diferente ao seu espetáculo, inicia-o com uma projeção cinematográfica, mas o faz de maneira péssima com uma projeção deficiente, numa tela pequeníssima, no fundo da cena, não oferecendo visão alguma à maioria dos espectadores, e, com a narração do que está se passando, feita numa gravação muito má, e, o efei-

(Continua na pág. 40)


BIBI E ALBERTO PEREZ, êle um bom intérprete. Ela também agradou muito.



ENTRE A IGREJA E O CINEMA

(Cont. da pág. 32)

viria mais tarde a se tornar sua espôsa. Ao se casarem concordaram que uma só carreira artística era suficiente na família e, desde então, a Sra. Corey faz da carreira de seu espôso, de seus filhos e do seu lar os únicos interêsses da sua vida. Após inúmeras **tournées** com o «Federal Theatre», Corey introduziu-se na Broadway onde o esperava uma série de contratos em várias peças que alcançaram um grande sucesso. E foi justamente numa dessas que, como dissemos acima, êle foi visto por Hal Wallis que lhe ofereceu um contrato para o cinema.

Antes de partir para Hollywood, Corey quis, primeiramente, realizar um grande sonho da sua vida; fundar um teatrinho onde êle próprio produzisse, dirigisse e atuasse com um repertório de dez peças. A «estrêla» Betsy Drake, atual espôsa de Gary Grant, fazia parte dêsse teatrinho.

Wendell Corey nasceu na cidadezinha de Dracut, em Mass., no dia 20 de março e é o caçula dos seus quatro irmãos. Dentre os seus antepassados figuram dois presidentes dos Est. Unidos, John Adams e John Quincy Adams. Devido a posição de clérico de seu pai, obrigando-o a mudar constantemente de cidade, êle e seus irmãos freqüentaram diversas escolas. Wendell veio a graduar-se na escola secundária de Springfield.

O astro de «Torturada pela Paixão» possui cabelos avermelhados e olhos azuis. É fã incondicional de esportes, insistindo para que seus quatro filhos — Robin, nascido em 1944; Jonathan Wendell, em 1946; Jennifer Júlia, em 1949; e Bonnie, em 1952 — aprendam a nadar e pratiquem outros esportes próprios da idade de cada um dêles. Os Coreys residem em Beverly Hills, numa bela casa de puro estilo inglês que, embora disponha de todo o confôrto moderno, é quase que totalmente guarnecida por preciosas antiguidades, a maioria delas herança de seus ancestrais. Wendell é ávido pela leitura e gosta de colecionar caixinhas de música. O seu talento artístico levou-o a participar de todos os campos de entretenimento, isto é, cinema, rádio e televisão, vencendo em todos êsses setores com sucesso absoluto.

Dentre os seus maiores êxitos cinematográficos já exibidos, destacam-se: «A Filha da Pecadora», «A Acusada», «A Vida por um Fio», «Thelma Jordan» e «Regresso do Inferno». E, ainda inédito: «Torturada pela Paixão», filmado na Inglaterra com Margareth Lookwood.

SINDICATO DE LADRÕES

(Cont. da pág. 31)

Terry agarrou-a e já se dispunha a metê-la no bôlso, porém de repente jogou-a debaixo da barra.

E foi auxiliado pelos outros a sair da cantina, pois sentia-se cançado e fraco perdendo tanto sangue.

* * *

A sala onde funcionava a Comissão de Crimes estava apinhada de gente. Big Mac jurou que os registros do sindicato haviam sido roubados e não podiam ser examinados. Logo depois Terence Francis Malloy prestou juramento. Edie, o Padre Barry, Moose e Jimmy esperavam sua declaração. Também os homens da quadrilha aguardavam. Johny Friendly estava ali em pessoa com a cara contorcida pela fúria. Terry contara tudo que sabia sôbre a vida nas docas. Quando passou perto de Johny, êle gritou em tom histérico:

— És um morto que caminha. Cavaste a tua própria sepultura. Não fugirás nunca de meus homens!

O Presidente do Tribunal chamou a assistência à ordem. Ao sair, Terry viu que alguns policiais o acompanhavam. Seus amigos não lhe dirigiam palavra, porém êle não os considerava mesmo seus amigos. Seu primo Tommy mostrou o que pensava de um delator, torcendo o pescoço das pombas em seus cativeiros.

Sòmente a Edie confessou o que sentia:

— Estou liquidado. Sou um homem marcado em tôdas as cidades. Se tivesse dinheiro, tomaria um caminhão para o México ou o Texas.

— Fugindo sempre? — perguntou Edie. E lhe disse que seu lugar era no cais, ao lado dos outros estivadores, usando o gancho para ganhar o sustento. Suas palavras foram tão sinceras e entusiasmadas que acabaram confortando Terry e evitando que êle cometesse sua fuga.

* * *

A manhã seguinte encontrou Terry Malloy na fila à procura de trabalho. Os antigos companheiros afastavam-se dêle e não conseguiu uma tarefa. Todos trabalhavam, menos Terry. Até Pop Doyle evitou encontrar-se com êle. Não se atrevia a chamá-lo para uma explicação.

Terry dirigiu-se para o escritório de Johny, com uma fúria perigosa nos olhos. Johny dera a ordem para asilá-lo. Era preciso reagir. Êle encontrou Johny lendo um jornal e rodeado por seus capangas. Todos queriam entrar em ação contra Terry, porém Johny os deteve.

— Deixem que êle se vá. Chegará o momento de ajustar contas com êle!

Terry estava tremendo de raiva. Até certo tempo Johny era o seu ídolo e o via agora rodeado de bandidos desafiando a lei.

Como Terry houvesse dito alguma coisa desagradável, Johnny explodiu e sacou sua arma, porém Terry golpeou-o à tempo e seguramente. Os outros vinham em socorro do chefe, mas se detiveramos, pois Terry ameaçava-os com sua arma e sua coragem.

Terry recolheu a arma de todos. Jogou-as ao mar e convidou-os para um combate limpo, sem a proteção da artilharia.

Os olhos de Johny pareciam ser os de uma víbora:

— Nos delataste, Terry.

— No teu ponto de vista, sim, porém estava traindo outras pessoas, traindo a mim mesmo, sem falar.

Terry lançou um golpe contra o chefe do Sindicato que retrocedeu cambaleante. Logo Sonny e «El Camion» lançaram-se contra o rapaz. Rodeando-os, os estivadores gritavam atraídos para a luta empolgante. Terry lutava com tôda a sua antiga habilidade, golpeando todos os rostos que iam aparecendo à sua frente.

(Continua na pág. 40)

SURDOS AURICULARES INVISÍVEIS «WEIMER» do dr. Reichmann. Sem fios, sem pilhas. Restitui a normal audição. Eliminação dos zumbidos. Última maravilha alemã. Preço de propaganda: Cr$ 900,00 o par. Peçam prosp. grátis à Elza Junqueira Sabbado — Av. Copacabana, 75 — Apto. 204 — Tel. 57-2452 — Rio.

ELA ADORA COPACABANA

(Cont. da pág. 5)

O sorriso malicioso do repórter é logo compreendido pela bela «estrêla», que prefere mudar de assunto, saindo de uma situação que ela naturalmente considerava, então perigosa.

Passemos a falar das noites cariocas e Laura tem expressões muito simpáticas a respeito do «Clube do Cinema», do qual é freqüentadora assídua.

— Gosto de ir lá, jogar bingo, dançar, conversar com meus amigos do cinema nacional. .

E filmes no Brasil, Laura? Há possibilidade?

A argentina mais linda que conhecemos, responde sempre com o mesmo encantador sorriso que é deveras fascinante!

(Cont. na pág. 40)

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado .... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

UMA DUPLA DE VALOR!

MAURÍCIO MOREY E VERA NUNES FORMAM A DUPLA DE MAIOR FUTURO NO CINEMA BRASILEIRO!

Muito embora não tenham podido atuar juntos em «Rivais» porque êsse filme afinal acabou não sendo realizado, Maurício Morey e Vera Nunes continuam confiantes de que no futuro aparecerão juntos num enrêdo bem brasileiro.

Êles são grandes amigos e nas noites paulistas são vistos sempre juntos no «Nick Bar» e em outros redutos da gente do cinema nacional. Formam, sem dúvida, uma dupla de valor e juntos numa película renderiam bastante.

Maurício é um moço moreno, alto e simpático que tirou o diploma de médico-veterinário, porém sentiu-se inclinado desde cedo para a vida artística e contrariando os desejos de sua família, aceitou filmar em Campinas «Sós e Abandonados». O sucesso do moço foi imediato e Santa Rita do Passa Quatro mandou buscá-lo para o papel principal de «Da Terra Nasce o ódio». Seu período de descanço vai terminar breve, pois os estúdios cariocas e paulistas andam pensando em chamá-lo para suas produções.

Vera Nunes é carioca e no cinema daqui tem feito muita coisa interessante. Dela nos lembramos em «Susana e o Presidente», na boa fase da Maristela. Verinha é um encanto de garôta e bem merece ser incluída num grande filme brasileiro.

Tudo nos faz crer que a dupla Maurício Morey-Vera Nunes ainda será a coqueluche dos «fãs» do cinema nacional!



Quando da apresentação no Rio de «Da Terra Nasce o Ódio», Vera Nunes e Maurício Morey estiveram juntos e posaram sorridentes para «A CENA». Êles deveriam aparecer em «Rivais», porém o filme acabou frustrado. (Foto Newton Vianna).



G'lbert e Agnes Laury, estrelinhá novata.

O FABULOSO ROLAND!

Por ADRIAN BELL

Especial para «A CENA»

UMA CARREIRA FABULOSA E UMA TEORIA OUSADA ★ UM ASTRO DE ONTEM QUE RENASCE SEM NUNCA TER-SE APAGADO: GILBERT ROLAND!

RECENTEMENTE, fazia eu parte de um grupo de comentaristas femininas sôbre coisas de cinema, quando veio à baila o nome de Gilbert Roland e devo esclarecer que sendo eu o único varão no meio daquelas figurinhas diabòlicamente enchapeladas, limitava-me a ouvir o que elas falavam sôbre as idades alheias, principalmente sôbre as idades aparentes e as «verdadeiras» e, até mesmo, sôbre algumas «francamente» confessáveis, como é o caso de Ginger Rogers que todo mundo sabe estar com 54 anos... Mas, qual seria a idade de Gilbert Roland? Do estúdio da 20th. Century Fox informaram-nos que êle conservava a mesma cintura que tinha em 1927, — coisa que muita estrêla gostaria que lhe acontecesse... Portanto, de 1927 até 1955, são decorridos vinte e oito anos e, assim sendo, vamos dar uns 25 para o ano em que êle estrelou «A Dama das Camélias» com a saudosa Norma Talmadge, que vestia os deliciosos modelos de Paul Poiret e que obedeciam aos mais modernos figurinos daquela época, com aquelas cinturas nos quadris... Billie Dove, Clara Bow, Mary Astor, Astradoris Lupe, Velez, Dolores Del Rio, Constance Bennett, Asta Nielsen e muitas outras notabilidades de ontem, foram «leadings Ladies» dêsse personalíssimo ator.

No auge de sua carreira, Gilbert Roland apaixona-se por Constance Bennett e o romance ocupa as atenções de tôda a imprensa americana e pouco depois, Connie, renuncia ao título de Marquesa De La Falaise para se tornar simplesmente, Sra. Luís Antônio Damaso Alonso, ou Mrs. Gilbert Roland... Êsse casamento durou 12 anos e até hoje Gilbert e Constance são bons amigos, apesar de divorciados.

Gilbert e Bella Darvi, revelação brilhante!



Houve um momento de cansaço na carreira de Gilbert Roland, quando êle recusou-se a fazer papéis estereotipados interpretando «latinos» e isso custou-lhe alguns anos de silêncio em tôrno de sua pessoa, mas não houve interrupção em sua carreira, pois que trabalhou com o mesmo entusiasmo. Êle sabia que venceria. Claro que venceu! Depois do cinema mudo, ei-lo no cinema falado e, agora, é solicitado para os filmes em CinemaScope e tão disputado como os galãs da nova geração de Hollywood.

Quando Gilbert Roland, um dia, se predispor a escrever suas memórias, talvez o faça da seguinte maneira:

Nasci em Chinuahua, no México, sob o já famoso nome de Luís Antônio Damaso Alonso, descendente de família de nobres colonos, vindos para a América há mais de quatrocentos anos. Nascido em berço de ouro e bafejado pela tradição, recebi uma educação austera e de severos costumes. Até o meu «debut» não tinha havido nenhum artista em minha família e muito se comentava de um certo tio avô que havia toureado pùblicamente e com isso levantado um escândalo em Madrid, com repercussão no México... Ah! Outro indício artístico foi o de uma parenta que tocava «spinetta» na sua estância, na Califórnia, mas que depois se tornou mãe de quinze filhos e nunca mais tocou coisa alguma...

Podemos afirmar que estas linhas serão incluídas nas «Memórias» de Gilbert Roland, pois são tiradas de seu «Diário», onde êle colocou muita silhueta famosa da galeria femenina de Hollywood, México, Londres e Roma, pois que Gilbert Roland tem tido uma intensa vida amorosa...

Seu inalterável bom-humor, sua constante boa vontade para com os demais e o seu inseparável costume de esportes ao ar livre, fizeram de Gilbert Roland um eterno jovem. Êle está sempre de bom-humor e predisposto a encontrar um novo encanto





Gilbert no seu camarim nos estúdios da Fox. com Agnes Laury e o famoso Diretor Henry Hathway.

O TEMPO NÃO PASSA NEM PESA PARA QUEM TEM O CORAÇÃO JÓVEM E INQUIETO

em quanto possa ver ou ouvir. Todo êle é um maná de esperanças, — um fator decisivo para o prolongamento da juventude. Creio que nenhum outro homem de Hollywood pode ser comparado com Gilbert Roland e essa «mocidade perpétua» só encontra exemplo e identidade com Joan Crawford, pois ambos, formam um exemplo de conservação através dos tempos e, cá entre nós, ambos têm lutado e trabalhado muito por suas carreiras e, algumas passageiras adversidades, têm sido, para êles, motivos de apanágios e de outras vitórias! Quando pensamos que Gilbert Roland tem a seu favor mais de duzentos filmes como figura de primeiro plano, ficamos, momentâneamente, aturdidos, mas logo aceitamos a confirmação. Só em 1954, Gilbert Roland filmou «That Lady Eboli», uma produção ianque-espanhola, com Olivia de Haviland e Françoise Rosay, para o que teve de se mudar para Barcelona; «The French Line» com Jane Russell; «The Big Rainhow» e agora se encontra na fase final da filmagem de «The Racers», seu segundo filme em CinemaScope para a 20th. Century Fox, pois que o primeiro, «Rochedos da Morte» constituiu-lhe um autêntico sucesso e onde «roubou» uma boa quantidade de cenas! «The Racers» é uma película de ação intensa sôbre a vida dos corredores das pistas de automóveis de corridas, seus conflitos, seus amôres e suas tragédias anônimas, sob a direção de Henry Hathaway, com Kirk Douglas, Bella Darvi, Cesar Romero, Katy Jurado e outros.

Foi durante a filmagem dessa obra que um dia Gilbert Roland abandonou o «set» e durante três dias deixou o estúdio louco por saber de seu paradeiro. Finalmente, no quarto dia êle se apresentou no escritório de Mister Zanuck e apresentou-lhe a nova sra. Gilbert Roland, «née» Guilhermina Cantu e tudo ficou como antes e melhor ainda... Horas depois todo o estúdio festejava o acontecimento e Gilbert e Guilhermina partiam, (desta vez com licença do estúdio), para uma lua de mel em Las Vegas.

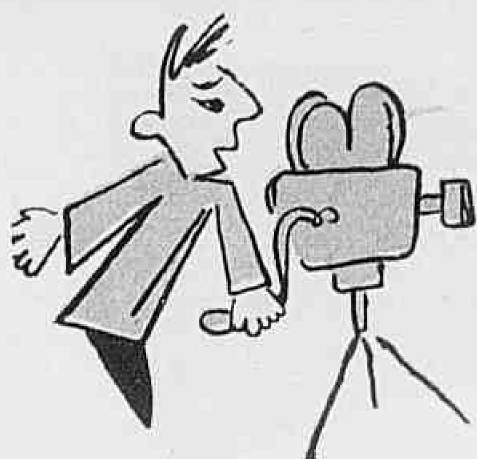
Uma ex-estrêla do cinema mudo, vendo-o na noite de estréia de «There's No Business Like Show Business» não se conteve e exclamou:

— Céus!... Se eu tivesse quarenta anos menos!... Fiu-Fiu!
No entanto ela havia sido companheira dêle em filmes do início do cinema falado e ficou famosa como «vamp»...

Durante um intervalo das filmagens de «The Racers» seu novo CinemaScope nos estúdios da Fox, Gilbert Roland recebe a visita de dois colegas famosos: o «brôto» Robert Wagner (o seu inseparável sorriso juvenil) e a mexicana Katy Jurado, uma «estrêla» de valor. Gilbert é um sujeito simpático que sabe fazer amigos e os tem às centenas em Hollywood. Seus romances são famosos, porém agora êle casou com Guilhermina Cantu e espera ser feliz, como o foi durante doze anos com Constance Bennet, sua primeira espôsa. O fabuloso Roland descobriu a fórmula do eterno bom humor e é um homem feliz e completo a quem a vida deu tudo!



"Test" para a sua inteligência:
Se os romanos não tivessem inventado o Carnaval, haveria cinema brasileiro"



FAZENDO FITA...

TEXTO DE IVON DICK
DESENHOS DE L. LLÉO. S.

Despir-se em público deixou de ser "pouca vergonha" desde que os italianos inventaram o neo-realismo...



A "estrêla" famosa e rica:
— Agora compreendo, seu cretino, que você casou comigo apenas pelo dinheiro que eu tenho...
O "astro" medíocre:
— Não, senhora... Foi pelo que eu não tinha...

Diálogo entre bêbados, em Holywood:
1.º Bêbado: Hip... Eu seria capaz... Hip.. de beijar agora mesmo a Gloria Swanson...
2.º Bêbado: Hip... Você está mesmo ruim... companheiro...

Previsão de um observador a respeito do propalado romance de Ava Gardner com Dominguin, o toureiro:
— Se êle não conseguir sucesso "toureando" com a Ava, terá o consôlo de voltar para seus touros, que depois de tudo, são muito mais mansos...



FOI PARA DAR TRABALHO AOS MUITOS ATORES DE HOLLYWOOD QUE INVENTARAM OS FILMES EM TELA PANORÂMICA.



ERA UM ATOR TEMPERAMENTAL. TINHA SECRETÁRIO ATÉ PARA ASSINAR SEUS AUTÓGRAFOS.

Ao encontrar um homem terrivelmente barbado e com aparência anêmica, não se arrisque nunca a dar uma esmola. Êle pode estar trabalhando num filme brasileiro.

TINHA OS OLHOS DE LAUREN BACALL... O CORPO DE MARILYN... O BUSTO DE JANE RÚSSEL...
AH! SE NÃO TIVESSE O ROSTO DE KATHERINE HEPBURN!

Os piores dramas do cinema brasileiro acabam quase sempre sendo as melhores comédias.

AQUÊLE FILME EM TERCEIRA DIMENSÃO ERA TÃO RUIM, MAS TÃO RUIM, QUE O PÚBLICO É QUEM JOGAVA COISAS NA TELA.

Alan Ladd



Considerado uma das maiores bilheterias do cinema de Hollywood, Alan Ladd segue sendo o artista preferido para os papéis vibrantes ★ Sua interpretação em "Os Brutos Também Amam" mereceu muitos elogios e foi bem merecido o seu sucesso no desempenho de "Shane", o cavaleiro errante.